



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
PIAUÍ CAMPUS COCAL
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA**

LUSIRENE COUTINHO MOITA

**JOVENS ESTUDANTES, JOVENS ATUANTES: O PAPEL DA EFA IBIAPABA NA
VALORIZAÇÃO DO CAMPO SOBRE A PERSPECTIVA AGROECOLÓGICA**

COCAL - PI

2020

LUSIRENE COUTINHO MOITA

**JOVENS ESTUDANTES, JOVENS ATUANTES: O PAPEL DA EFA IBIAPABA NA
VALORIZAÇÃO DO CAMPO SOBRE A PERSPECTIVA AGROECOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia)
apresentado como exigência parcial para
obtenção do diploma do Curso Superior de
Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal
de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí.
Campus Cocal.

Orientador: Prof. Dr. Josemi Medeiros da Cunha.

COCAL (PI)

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Moita, Lusirene Coutinho

M715j Jovens estudantes, jovens atuantes : o papel da EFA Ibiapaba na
Valorização do campo sobre a perspectiva agroecológica / Lusirene Coutinho
Moita. - 2020.
65 p.: il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Agroecologia) - Instituto
Federal do Piauí, Campus Cocal, 2020.

Orientador : Prof. Dr. Josemi Medeiros da Cunha.

1. Educação do Campo. 2. Agroecologia. 3. EFA Ibiapaba. I. Título.

CDD - 630

Elaborado por Cinthia Rachel Alves Rodrigues CRB 3/1348

LUSIRENE COUTINHO MOITA

**JOVENS ESTUDANTES, JOVENS ATUANTES: O PAPEL DA EFA IBIAPABA NA
VALORIZAÇÃO DO CAMPO SOBRE A PERSPECTIVA AGROECOLÓGICA**

Aprovada em: 08/12/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Prof. Msc. Flávio Luiz Simoes Crespo
Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Prof. Prof. Msc. Joseph Jonathan Dantas de Oliveira
Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Prof. Prof. Dr. Jeremias Alves de Araújo e Silva
Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)

Prof. Dr. Josemi Medeiros da Cunha (Orientador)
Instituto Federal do Piauí (IFPI)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus e a minha família, especialmente minha mãe, Tomasia Coutinho Moita que sempre apoiou em minhas escolhas, incentivando a buscar meus ideais de vida. Aos meus irmãos, em especial a Valdirene Coutinho, pois contribuiu no processo de escrita do TCC – Trabalho de Conclusão de curso nessa reta final.

A todos educadores do IFPI *Campus* Cocal que contribuíram muito em minha formação, sobretudo ao casal Flávio Crespo e Fátima Crespo, que apesar de ela não atuar como educadora no IFPI *campus* Cocal, me orientou em um trabalho aprovado para o Congressos Brasileiros de Agroecologia (CBA), logo após publicado na revista Cadernos de Agroecologia. Quero agradecer a relação construída desde minha vivência na EFA Ibiapaba, pois vêm me apoiando das mais variadas formas, foi esse casal que me incentivou a ir para Cocal cursar o tecnólogo em Agroecologia e contribuiu durante minha estadia no Piauí ao longo dos anos.

Ao meu orientador Josemi Medeiros da Cunha, que apesar do distanciamento por conta da pandemia do Corona vírus e do pouco tempo para a construção do trabalho, pois mudei toda a proposta da pesquisa, fez uma ótima orientação, utilizando uma metodologia de trabalho que facilitou em todo o processo de construção, agradeço a cada palavra de incentivo por ter compreendido meus atrasos.

A república CEMA, Ian, Claudiana, Izaque, Leonardo, pela segunda experiência de viver em coletivo, cultivar a responsabilidades de manter uma casa, sou grata principalmente a Gilvan, Tarsia e Tiago Herbet que estiveram comigo desde o início, agradeço pela amizade, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer como pessoa, ao Teles (em memória) um amigo de infância que esteve comigo desde o início, fortalecendo nossa irmandade na vivência da EFA, sempre esteve ao meu lado, segurando minha mão nos momentos mais difíceis, me ensinado a levar a vida com mais leveza e com o sorriso no rosto.

Aos meus colegas de turma, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e em nome de Dalíria Miranda e Luana Medeiros agradeço por todo o companheirismo ao longo deste percurso, sou muito grata pela amizade construída, obrigada por todas as vezes que precisei de ajuda vocês sempre estavam dispostas.

Ao povo cocalense, em nome de Totinho Guilherme, Vander Alves, João Josias (em memória), dona Alice e seu Zé Medeiros, que de alguma forma contribuíram para minha estadia em Cocal, obrigada pelo acolhimento e o carinho. Ao amigo Rodrigo Lages agradeço pela amizade, companheirismo e por sempre estar comigo.

Aos educandos da EFA que colaboraram na pesquisa, gratidão pelo comprometimento de cada um em responder o questionário e pela disponibilidade em conversar todas as vezes que precisei buscar mais informações. Ao educador Chico Antônio Bié e a todos e todas educadores e educadoras da EFA Ibiapaba, por me proporcionarem uma educação contextualizada promovendo mudanças significativas em minha vida.

Quero deixar um agradecimento especial aos meus tios Benedito Camilo e Elisangela Costa, por me acolherem em sua casa nessa reta final, pelas vezes que pediram para fazerem silêncio para poder participar das aulas online. A minha prima Aline Costa que foi quem segurou minha mão quando estava em crise.

Enfim, deixo meus agradecimentos sinceros a todos que contribuíram de alguma forma durante meu processo formativo.

EPÍGRAFE

“ Agroecologia para mim é meu respirar e o respirar do meu irmão”.

Raimundo Rêgo

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender qual o papel que a Escola Família Agrícola Chico Antonio Bié exerce na trajetória de vida dos jovens estudantes. Como objetivo compreender como a experiência na educação contextualizada e na pedagogia da alternância havia contribuído na formação profissional e humana dos jovens? como ou de maneira estes jovens estariam atuando em suas comunidades? Estariam promovendo o desenvolvimento sustentável através de práticas agroecológicas ou não tiveram acesso ao trabalho? A EFA estaria contribuindo para a transformação da realidade social através da ação dos egressos ou de outras ações? A metodologia utilizada ocorre em três momentos interrelacionados: O primeiro momento se deu por meio de uma pesquisa exploratória, o segundo momento consistiu na construção e aplicação do questionário semiestruturado e o terceiro momento correspondeu a análise e a sistematização dos dados obtidos. O estudo mostra que apesar da EFA Chico Antônio Bié, enfrentar desafios significativos os educadores e os educandos têm conseguido construir uma formação contextualizada e problematizadora, que possibilita uma transformação significativa na vida dos educandos, resignificando suas visões de mundo sobre o papel da educação, desconstruindo a ideia de que o campo é atrasado, o considerando como um lugar de vida digna, sob o ponto de vista da ciência e de práticas orientadas pela agroecologia.

Palavras-chave: Educação do Campo, Agroecologia, EFA Ibiapaba

ABSTRACT

The present work sought to understand what role the Ibiapaba Chico Antonio Bié Family School plays in the life trajectory of young students. How can you understand how the experience in contextualized education and alternation pedagogy had contributed to the professional and human formation of young people? how or in what way are these young people acting in their communities? Are they promoting sustainable development through agroecological practices or did they not have access to work? Would EFA be contributing to the transformation of social reality through the action of graduates or other actions ?. The methodology used occurs in three interrelated moments: The first moment was through an exploratory research, the second moment consisted of the construction and application of the semi-structured questionnaire and the third moment corresponded to the analysis and systematization of the data obtained. The study shows that despite the Ibiapaba EFA Chico Antônio Bié, facing significant challenges, educators and students have been able to build contextualized and problematizing training, which enables a significant transformation in the lives of students, reframing their worldviews about the role of education , deconstructing the idea that the field is lagging behind, considering it as a place of dignified life, from the point of view of science and practices guided by agroecology.

Key words: Rural Education, Agroecology, EFA Ibiapaba.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: pirâmide das multidimensões da sustentabilidade aplicadas à agroecologia

LISTA DE FOTOS

FOTO 1: sede provisória da EFA Ibiapaba

FOTO 2: educandos da segunda turma

FOTO 3: aula prática na unidade produtiva da EFA ibiapaba

FOTO 4: visita técnica em Viçosa do Ceará

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: nomes fictícios.

QUADRO 02: sobre a perspectiva educacional dos jovens

QUADRO 03: a visão de mundo sobre o campo

QUADRO 04: sobre a participação política dos jovens

QUADRO 05: sobre a perspectiva de trabalho dos jovens

QUADRO 06: sobre a experiência com a agroecologia

QUADRO 07: sobre a experiência como educando da EFA (educação contextualizada)

QUADRO 08: sobre como os conteúdos na área da agroecologia foram estudados

QUADRO 09: sobre a opinião dos jovens referentes a pedagogia da alternância

QUADRO 10: sobre os projetos de vida familiar e profissional do jovem (pvfpj)

QUADRO 11: síntese sobre a situação de trabalho dos egressos da efa

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEFARI - Associação Escola Família Agrícola da Região da Ibiapaba

AGROAMIGO - Programa de Microfinança Rural do Banco do Nordeste

CETRA - Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador

EMATERCE - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ONG - Organizações Não Governamentais

PVFPJ - Projetos de Vida Familiar e Profissional do Jovem

PPP - Projeto Político Pedagógico

PE - Plano de Estudo

STTR - Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

SAF - Sistemas Agroflorestais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 A PESQUISA E A PESQUISADORA	12
1. MATERIAIS E METODOS.....	18
1.1 O CAMPO, OS SUJEITOS E OS MOMENTOS DA PESQUISA.....	18
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	23
3.1 A AGROECOLOGIA, A EDUCAÇÃO DO CAMPO E AS JUVENTUDES	23
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
4.1 O PAPEL DA EFA NA VIDA DOS JOVENS E NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE AGROECOLÓGICA.....	29
4.2 A VIDA ANTES DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA	31
4.2.1 PERSPECTIVA EDUCACIONAL DOS JOVENS.....	31
4.2.2 VISÃO DE MUNDO SOBRE O CAMPO	34
4.2.3 A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS JOVENS.....	37
4.2.4 A PERSPECTIVA DE TRABALHO.....	39
4.2.5 EXPERIÊNCIA COM A AGROECOLOGIA	41
4.3 A EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA .	42
4.3.1 SOBRE O PAPEL DOS CONTEÚDOS E DA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NA FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL DOS JOVENS.....	45
4.3.2 SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTÁGIOS E DAS VISITAS TÉCNICAS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL	49
4.3.3 SOBRE OS PROJETOS DE VIDA FAMILIAR E PROFISSIONAL DO JOVEM (PVFPJ) E A CONSOLIDAÇÃO DO PROFISSIONAL COMPROMETIDO COM O CAMPO EM UMA PERSPECTIVA AGROECOLÓGICA.....	51
4.4 A VIDA DOS JOVENS HOJE.....	52
4.4.1 OS JOVENS ESTÃO CONTRIBUINDO COM O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO CAMPO?	55
4.4.2 PERCEPÇÃO DOS JOVENS SOBRE O PAPEL DA EFA NA SUA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E HUMANA	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
6. REFERÊNCIAS	59
7. ANEXO	62

1. INTRODUÇÃO

1.1 A PESQUISA E A PESQUISADORA

A intenção de pesquisar a realidade dos jovens egressos da Escola Família Agrícola da Ibiapaba Chico Antonio Bié surge da necessidade de compreender o papel dessa instituição de ensino na transformação das realidades sociais do Campo.

Como jovem rural e egressa da escola por diversas vezes presenciei mudanças significativas na vida dos outros jovens que adentravam na EFA, que passavam pelos processos formativos, se profissionalizavam e voltavam para suas comunidades com saberes capazes de interferir em suas realidades.

No meu processo de formação no Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, passei a me interessar cada vez mais pela educação do campo como tema de pesquisa, mas também como ação de intervenção nas realidades sociais tão fragilizadas pela questão agrária.

É dentro desse contexto que surge a proposta de pesquisa, em meio a minha trajetória de vida como educanda da escola e posteriormente como estudante de agroecologia.

Como educanda, acompanhei de perto todos os desafios postos a educação do campo, e mais ainda aos jovens de diferentes municípios nordestinos em terem que sair de suas casas, passar quinze dias em vida comunitária com pessoas que não conheciam, terem que estudar em um contexto de negação dos estudos, e reconstruírem seus projetos de vida no campo. Se os desafios foram muitos, da mesma maneira foram muitas as transformações ocorridas no grupo, construídas pelas metodologias de ensino contextualizadas, as noites culturais, o trabalho coletivo, etc.

Mesmo reconhecendo o desafio lançado em uma pesquisa em que se objetiva compreender uma realidade vivenciada por mim, optamos por realizar o estudo motivados pela necessidade de compreender o papel que uma escola do campo exerce na realidade local e na vida dos jovens rurais.

Como a pesquisa se insere na minha vida , e eu como sujeita que busca compreender uma realidade que vivenciei em determinado momento da minha trajetória de vida, se fez necessário contextualizar a pesquisa na minha própria vida que fui quem propus realizá-la.

Nasci em um domingo de julho de 1997, em uma cidadezinha conhecida como Freicherinha, no estado do Ceará, sendo a terceira de quatro filhos, cresci em uma comunidade rural chamada de sítio Pavão.

Minha mãe, uma mulher que sempre lutou pelo bem estar dos filhos, trabalhava na casa, no roçado e cuidava dos animais, acordava cedo para tirar leite do gado, andava 1 km para dar água aos animais, e no inverno, dava 3 limpas (capinava) no roçado antes de colher e armazenar os alimentos produzidos naquele ano. Era ela quem levava os filhos para escola, que participava de todas as reuniões e das festinhas. Foi ela quem sempre apoiou as decisões dos filhos e filhas, que incentivou cada um e uma a construir sua trajetória de vida.

Meu pai, trabalhava de domingo a domingo no roçado e como pedreiro na comunidade para complementar a renda da família, porque o trabalho na agricultura não era suficiente para sustentar os filhos.

Como uma família posseira, criávamos gado, galinhas e praticávamos agricultura itinerante, ou seja, cada ano desmatávamos uma área, a queimávamos e a cercávamos para produzir alimentos. Nas primeiras chuvas ainda no período de férias escolares era realizado o plantio onde cada membro da família assumia uma função, uns ficavam em casa fazendo o almoço e cuidando de outros afazeres. Os mais velhos, trabalhavam com a enxada abrindo os “ninhos”, e neles as crianças plantavam as sementes de milho, feijão e arroz.

Os primeiros anos de minha vida escolar aconteceram na própria comunidade, com professores que vinham da cidade e apenas uma que residia próximo a escola.

Depois da 6^a série tivemos que estudar na zona urbana do município e por isso tínhamos que nos deslocar de ônibus. Na escola da cidade, a maneira de ensinar parecia diferente, haviam mais disciplinas e várias pessoas que não conhecíamos. Essas mudanças resultaram na minha primeira reprovação.

Nesse mesmo contexto minha irmã deixara a casa para tentar a vida em outro estado, sendo esta a primeira vez que vivenciei de perto o exôdo rural de um jovem do campo.

Em 2013 demos início aos estudos no ensino médio na única escola de Freicherinha (escola estadual o Antônio Custódio). Na escola as propostas de ensino aconteciam de maneira descontextualizada, os professores e as professoras se limitavam a reproduzir os conteúdos dos livros didáticos. Observei poucos diálogos entre educandos/educadas e professores/professoras. Não discutamos nem vivíamos os problemas das nossas comunidades, fomos jovens “adestrados” para negar o espaço e a cultura do campo.

A escola não valorizava o trabalho agrícola de meus pais. Lá aprendíamos que o rural era atrasado. Certa vez, uma professora disse em sala que quem não estudasse iria trabalhar com agricultura, e se quiséssemos ter sucesso na vida, teríamos que trabalhar na cidade.

Nesse contexto a perspectiva de vida dos jovens daquela escola parecia ser de trabalhar nas fábricas de lingerie da região.

Certo dia essa rotina de escola e falta de perspectiva foi rompida. Depois de sairmos da escola encontramos o presidente do Sindicato dos/as Trabalhadores/as Rurais de Freicherinha. Este nos convidou para participar de uma nova escola que estava iniciando seus trabalhos em Tianguá, cuja proposta de ensino era diferenciada e totalmente voltada para filhos e filhas de agricultores. Os alunos e alunas teriam que a cada mês ficarem 12 dias direto na escola e 15 dias em casa com a família.

Fiquei interessada pela nova escola e solicitei que o presidente apresentasse a proposta para os meus pais, com o interesse de que estes me autorizassem a estudar na instituição de ensino. Apesar de resistirem aos meus pedidos em estudar na escola, resolveram autorizar a minha inscrição no processo seletivo.

Em 2014 ao ingressar na Escola Família Agrícola do Ibiapaba Chico Antonio Bié, me deparei com realidades antes desconhecidas: **A primeira** delas foi a de constatar que a escola estava instalada em um assentamento rural conquistado pela reforma agrária. Até então não tinha ouvido falar em assentamentos.

A segunda foi em relação a própria escola. Esta não tinha características de uma escola convencional, funcionava em uma casinha simples emprestada pela associação de asentados e assentadas. Tinha uma cozinha e dois dormitórios com banheiros para os educandos e educandas se instalarem nos períodos de sessão escola, as aulas teóricas aconteciam em um salão comunitário (outro espaço cedido pela associação) e as práticas ocorriam no campo e nos lotes das famílias aseentadas.

Na escola, as propostas de ensino levavam em consideração os problemas e desafios do campo, o que facilitava a aprendizagem por parte dos educandos e educandas. Todos e todas aprendíamos os conteúdos estudando suas realidades e seus desafios cotidianos. Nesse mesmo processo, todos e todas dialogavam sobre como os conhecimentos técnicos poderiam ser mobilizados para transformar as difíceis realidades de suas comunidades, a realidade dos e das jovens que não tinham perspectivas melhores de trabalho e renda e consequentemente coaborar para transformar para melhor a região Nordeste do Brasil.

Todos os e as estudantes eram de origem pobre. Uns e umas mais e outros e outras menos pobres, alguns e algumas não tinham nem mesmo energia elétrica em suas casas, outros haviam passado mais de 10 anos sem estudar. Todas essas realidades eram sempre discutidas em nossos encontros. .

Não se negava ou encobriam os desafios, estes eram compreendidos como problemas relacionados não somente aos indivíduos, mas as desigualdades sociais geradas por uma sociedade capitalista excludente. Nesse sentido, o debate político era parte da proposta formativa da escola. Estudávamos nossos desafios dentro do contexto dos desafios do campo, do Nordeste, do Brasil e da América Latina.

Para funcionar a escola enfrentava vários desafios. Entre eles, a dificuldade em adquirir alimentos para os estudantes, e ajuda de custos para a manutenção do prédio. Até os professores trabalhavam de maneira voluntária. Estes demonstravam ser extremamente comprometidos com a aprendizagem dos educandos e das educandas.

Apesar da proposta de ensino contextualizado, algumas vezes não conseguíamos estudar dessa maneira, pois alguns professores, apesar dos esforços, não conseguiam mediar aprendizagens significativas, discutindo os

problemas das comunidades, trabalhando de maneira interdisciplinar. Entretanto, as experiências de ensino positivas superaram as situações não exitosas.

Uma das propostas educativas mais significativas, foi a participação do grupo na construção dos projetos de vida profissional e humana dos educandos e das educandas. Nessa proposta, a formação múltipla era constantemente discutida durante as aulas e nas atividades práticas. Todos e todas eram motivados e motivadas a pensarem sobre como poderiam trabalhar em suas comunidades comprometidos com suas identidades, com o combate a pobreza e com o desenvolvimento sustentável.

As aprendizagens construídas por meio dos Projetos de Vida Familiar e Profissional do Jovem - PVFPJ possibilitaram a compreensão de que as populações do campo são capazes de produzir alimentos saudáveis, gerando renda através de manejos de produção que trabalhem com a natureza, conservando o solo de forma sustentável tanto no processo produtivo quanto nas relações sociais que possibilite a construção de uma vida digna para todos que moram no campo.

Em 2016, após a apresentação da minha atividade de conclusão do curso, o Projeto de Vida Familiar e Profissional do Jovem – PVFPJ, eu já não era a mesma pessoa que havia começado a estudar na escola há três anos.

Nesse período passei a refletir sobre a minha experiência anterior como estudante da escola da minha comunidade rural. Naquele período, minha família não conseguia garantir o sustento através da produção agrícola, eu não tinha perspectiva de trabalho, não conseguia construir meu projeto de vida no meio rural e por isso, não tinha interesse em continuar no campo.

Porém a experiência da EFA me proporcionou outra visão sobre o campo. Isso tanto sob o ponto de vista do trabalho como da possibilidade de transformar as difíceis realidades da minha comunidade e de outras comunidades rurais do Nordeste brasileiro. Vislumbrei possibilidades de poder transformar para melhor as formas de fazer agricultura, de comercializar e de vivenciar a cultura e fazer política nas comunidades.

Depois desse processo formativo, eu passei a ser uma técnica em agropecuária, uma jovem mulher capaz de expor suas ideias e opiniões, que passou a compreender de maneira mais crítica o campo, a valorizar mais ainda seus familiares

capaz de trabalhar coletivamente para mudar as difíceis realidades enfrentadas pelas famílias camponesas.

Os saberes construídos na escola, me fizeram compreender que a maneira como praticávamos a agricultura não era adequada e nem preservava o meio ambiente pois utilizávamos agroquímicos, realizávamos queimadas e degradávamos a natureza, dificultando a recuperação da vegetação do semiárido.

Aprendemos que as práticas produtivas orientadas pela agroecologia orientadas a sustentabilidade em suas dimensões ambiental, social, econômica, cultural, política e ética, eram capazes de garantir um desenvolvimento sustentável às comunidades camponesas, valorizando a cultura, a vida política e social, rompendo portanto com a falta de perspectiva dos jovens, com a desvalorização do campo, com a pobreza e com as desigualdades sociais.

Conforme revelado no início desse texto, atualmente como estudante do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia no campus de Cocal do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - IFPI, vi a EFA e o tema educação do campo resurgir em meus estudos, como uma das disciplinas da proposta curricular e como uma importante área de atuação de profissionais da agroecologia.

Por ter vivenciado a experiência educacional e formativa na EFA e por compreender o papel da agroecologia na transformação da realidade, comecei a refletir sobre **como esta instituição educacional estaria interferindo na trajetória de vida dos outros educandos e nas próprias comunidades rurais?**

Nesse caminho, alguns questionamentos foram motivando a presente proposta de estudo: como a experiência na educação contextualizada e na pedagogia da alternância havia contribuído na formação profissional e humana dos jovens? De que maneira estes jovens estariam atuando em suas comunidades? Estariam promovendo o desenvolvimento sustentável através de práticas agroecológicas ou não tiveram acesso ao trabalho? A EFA estaria contribuindo para a transformação da realidade social através da ação dos egressos ou de outras ações?

Foram essas e outras questões que motivaram o presente estudo.

1. MATERIAIS E METODOS

1.1 O CAMPO, OS SUJEITOS E OS MOMENTOS DA PESQUISA

A presente pesquisa buscou compreender qual o papel que a Escola Família Agrícola da Ibiapaba Chico Antonio Bié exerce na trajetória de vida dos jovens estudantes, e por meio das ações destes, nas comunidades rurais.

Para isso foi realizado um **estudo de caso** (Gil, 2007), como ação sistematizada de aprofundamento de análise sobre a organização social (EFA Ibiapaba) com base em estudos documentais, entrevistas e análise de informações.

Com a pergunta de partida¹, definimos o campo de atuação, os sujeitos a serem entrevistados, os instrumentos de coleta de dados e suas estratégias de aplicação, e a sistematização/análise das informações em torno da compreensão do papel da EFA na vida dos jovens e nas comunidades.

O estudo permitiu compreender como a experiência na EFA tem repercutido na vida dos jovens e no campo, construindo ou não práticas agroecológicas.

O campo de pesquisa consistiu na Escola Família Agrícola da Ibiapaba Chico Antonio Bié. A escola está localizada temporariamente no Assentamento Bom Jesus - São João / Nova Esperança - Tianguá/Ceará, espaço esse cedido pela associação comunitária do assentamento. A escola possui um terreno de 20 hectares para a construção da sede oficial, doado pelo Assentamento não vinculado ao INCRA.



Foto 01: sede provisória da EFA Ibiapaba; **fonte:** Josemi Medeiros

¹ Como esta instituição educacional estaria interferindo na trajetória de vida dos outros educandos e nas próprias comunidades rurais?

Em 2010, os Sindicatos dos trabalhadores rurais de Viçosa do Ceara e de Tianguá desenvolveram o **Projeto Agroecologia em Rede**, que consistiu na realização de ações de comunicação/extensão rural e implantação de Sistemas agroecológicos, como as Mandalas², os Sistemas agroflorestais³ e os Quintais produtivos⁴.

Em um diagnóstico realizado pelo projeto, questionou-se sobre a educação do sistema escolar rural, onde 47, das 55 famílias disseram não estavam satisfeitas por seus filhos receberem uma educação igual a das pessoas da cidade. Segundo eles, essa realidade fazia com que os jovens migrassem para as regiões urbanas por não acreditarem na possibilidade de construírem suas vidas nas comunidades rurais e principalmente por não terem acesso a uma formação voltada para a atuação profissional no campo.

Nesse contexto, algumas famílias participantes do projeto tiveram a oportunidade de conhecer a experiência da EFA Dom Fragoso⁵. A partir desse contato com a proposta de educação contextualizada, muitos agricultores e agricultoras passaram a compreender a importância de construir uma educação voltada para as demandas das comunidades rurais.

No ano de 2011 houve uma assembleia na sede do sindicato de Viçosa do Ceará motivada pelos sindicatos e as famílias acompanhadas pelo projeto Agroecologia em Rede. No encontro, todos reafirmaram o desejo de construírem uma EFA na região da Ibiapaba surgindo então a AEFARI- Associação Escola Família Agrícola da Região da Ibiapaba. No ano de 2014 a primeira turma foi formada por jovens de 5 municípios (Tianguá, Viçosa do Ceara, Frecheirinha, Ibiapina e Massapê).

² **Mandala** – Sistema de produção integrado, com estrutura circular sendo que no meio é construído um reservatório de água com a finalidade de irrigar as plantas e criar peixes e aves, ao redor se encontra os canteiros que fornece alimentos para família e para os animais.

³ **Sistemas Agroflorestais** – Sistema de produção que é imita a natureza combinando espécies arbóreas lenhosa, frutíferas, culturas agrícolas e animais contribuindo para o aumento da ciclagem de nutrientes.

⁴ **Quintais Produtivo** – espaço ao redor da casa onde há uma produção diversificada de frutas e verduras como também destinado para criação de pequenos animais.

⁵ **A Escola de Família Agrícola Dom Fragoso** – localizada no município de Independência- CE, é a primeira EFA do estado do Ceará fundada no ano de 2002, nos primeiros anos de funcionamento trabalhava com o ensino fundamental e o médio/técnico, hoje se encontra trabalhando apenas o ensino médio/técnico, basear se em quatro pilares: Associativismo, Alternância, Formação integral, Desenvolvimento Sustentável Local.

Em 2016, a escola conseguiu formar a primeira turma com 17 jovens técnicos em agropecuária.

Com os anos, a EFA ampliou seu campo de atuação, passando a garantir o direito a educação de jovens de 13 municípios do Estado do Ceará (Viçosa do Ceará, Tianguá, Ubajara, Ibiapina, Pacujá, Graça, Massapé, Pires Ferreira, Morrinhos, Marco, Bela Cruz, Senador Sá e Camocim).



Foto 02: educandos da segunda turma; **fonte:** educandos

Os sujeitos pesquisados foram os jovens egressos da escola, que estudaram na primeira e na segunda turma da EFA Ibiapaba.

O critério utilizado para a seleção dos entrevistados foram:

1. Ter concluído o curso técnico na EFA nas duas primeiras turmas;
2. Ter acesso a internet e disponibilidade de responder o questionário.

Em função desses critérios, de um quantitativo de 17 alunos e alunas formadas como técnicos em agropecuária na primeira e segunda turma, foram entrevistados 10 jovens atualmente residentes no estado do Ceará.

Abaixo segue um quadro com os nomes fictícios⁶ dos entrevistados, seus gêneros e municípios onde residem atualmente.

QUADRO 01: NOMES FICTICIOS.

	NOME FICTICIO	GÊNERO	LOCALIDADE
--	---------------	--------	------------

⁶ Os nomes fictícios foram adotados para preservar a identidade dos jovens.

01	Zulmira	Feminino	Comunidade Córrego de Baixo
02	Malvina	Feminino	Sítio Seis Paus Ibiapina CE
03	Sebastiana	Feminino	Ipu, CE
04	Maria	Feminino	Assentamento Teteus Tianguá-CE
05	Quinzinho	Masculino	Sítio Tucuns
06	Neco	Masculino	Batoque Pacujá
07	Mane	Masculino	Comunidade Corredor
08	Aparício	Masculino	P.A Bom Jesus/São João, Tianguá, CE
09	Jeremias	Masculino	Lagoa da Moitinga
10	Marcolino	Masculino	Pindoguaba- Sítio Areia Branca

A pesquisa foi realizada em três momentos interrelacionados:

O primeiro momento se deu por meio de uma **pesquisa exploratória** que segundo Gil (2002) “tem como objetivo o aprimoramento da ideia, possibilitando uma visão mais aprofundada sobre os aspectos da pesquisa”. Neste sentido realizou-se o levantamento bibliográfico através de fotos, vídeos e documentos da escola (relatos do histórico da construção da EFA, caderno de acompanhamento, Caderno da Realidade, Plano de Estudo), e principalmente do Projeto Político Pedagógico da EFA, com finalidade de compreender como esse documento tem orientado a metodologia de ensino da escola.

Ao mesmo tempo, foi realizado estudos teóricos⁷ sobre os conceitos de: educação do campo em Caldart (2009); educação em Paulo Freire (2000), juventudes rurais em Carneiro (2007), e agroecologia, em Caporal (2015), e Altieri (1989).

O segundo momento consistiu na construção e aplicação de um questionário semiestruturado⁸, dividido em três etapas: MINHA VIDA ANTES DA EFA, EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO e MINHA VIDA HOJE.

⁷ Para Minayo (2000), teoria é um “conhecimento de que nos servimos no processo de investigação como um sistema organizado de proposições que orientam a obtenção de dados e a análise dos mesmos, e de conceitos, que veiculam seu sentido” (MINAYO, 2000, p. 19).

⁸ Ver em anexo

Em função do distanciamento social no período de Pandemia do coronavírus, a comunicação com os entrevistados e a aplicação do questionário se deu via WhatsApp⁹.

O contato inicial foi realizado por chamada de áudio via aplicativo WhatsApp para 21 educandos e educandas das primeira e segunda turmas da EFA com o objetivo de apresentar a proposta da pesquisa e solicitar suas participações. Depois da confirmação de disponibilidade em participar do estudo, foi criado um grupo do aplicativo WhatsApp para facilitar a comunicação e realizar as entrevistas com 17 que a priori aceitaram participar da pesquisa. Durante a pesquisa foi construído um diálogo mais amplo com os jovens sobre a proposta do estudo, e somente após dar ciência ao grupo dos objetivos propostos¹⁰, foi enviado os questionários semiestruturados¹¹ aos 17, deste grupo somente 10 responderam os questionários enviados.

Após responderem os questionários, os jovens enviaram o material de maneira individual, de modo que somente a entrevistadora e seu orientador tiveram acesso as respostas.

Posteriormente buscou-se informações complementares com cada entrevistado, a fim de obter mais informações acerca das suas vivências antes, durante e depois da experiência enquanto estudantes da EFA Ibiapaba.

É importante destacar que a condição de ex-aluna da Instituição educacional possibilitou um maior acesso as informações junto aos jovens entrevistados por estes ou conhecerem a entrevistadora ou manifestarem uma certa familiaridade por terem vivenciado experiências formativas no mesmo espaço em determinado momento de suas trajetórias de vida.

O terceiro momento correspondeu a análise e a sistematização dos dados obtidos nas entrevistas, por meio da elaboração de quadros ou mapas das falas dos entrevistados.

⁹ A princípio se tentou realizar reuniões via Google meet, mas uma parcela dos entrevistados não tinha acesso a uma internet que possibilitasse tal ação. Em função disso optamos pelo uso do aplicativo WhatsApp, por este ser mais acessível a todos os jovens entrevistados.

¹⁰ **Objetivos:** compreender como se deu trajetória de vidas dos jovens do campo antes, durante e depois de participar de uma experiência de formação contextualizadas e como isso repercutiu no desenvolvimento sustentável do campo.

¹¹ Conforme consta em anexo deste trabalho.

As falas dos educandos e educandas e/ou os elementos considerados significativos¹² foram transcritos para os quadros ou mapas analíticos. Esta ação possibilitou a compreensão das informações obtidas nos questionários¹³ de maneira crítica e processual, analisando cada informação a partir dos referenciais teóricos e do Projeto Político Pedagógico da EFA.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 A AGROECOLOGIA, A EDUCAÇÃO DO CAMPO E AS JUVENTUDES

A agroecologia é uma ciência do campo multidisciplinar e contempla várias dimensões da vida humana. Essa ciência não pode ser compreendida apenas como um tipo de agricultura, mas em uma perspectiva da complexidade, que transcende a dimensão produtiva.

Segundo Caporal (2015) “a expressão agroecologia tem levado muitas pessoas a confundir a Agroecologia com um tipo da agricultura, reduzindo a potencialidade do enfoque agroecológico”, ou seja, não compreendem a Agroecologia como uma matriz disciplinar ou como uma ciência multidisciplinar partindo de diversas bases conceituais.

Nesse caminho Guzmán Casado, González de Molina e Sevilla Guzmán (2000), afirmam que a “Agroecologia reúne vários campos do conhecimento científico, que engloba reflexões teóricas e avanço científico de diferentes disciplinas”. Pensando em uma perspectiva agronômica poderíamos defini-la como a “aplicação dos princípios e conceitos da ecologia no manejo e desenhos de agroecossistemas sustentáveis. (GLIESSMAN, 2000), ou ainda como defende Altieri (1989) a Agroecologia estuda a atividade agrícola partindo do ponto de vista ecológico.

Como campo do conhecimento complexo, os aspectos socioculturais e econômicos da vida cotidiana são igualmente considerados importantes na Agroecologia, assim, Altieri (1989) afirma que é uma ciência que disponibiliza princípios ecológicos básicos possibilitando o estudo, desenho e o manejo dos

¹² Os elementos considerados significativos na pesquisa dizem respeito as falas que trazem informações sobre as visões dos jovens relacionadas a vida antes, durante e depois da formação da EFA.

¹³ Nas etapas: minha vida antes da EFA, experiência de formação e minha vida hoje.

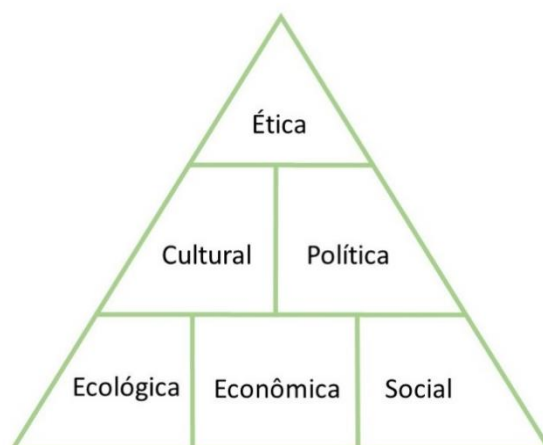
agroecossistemas produtivos de forma sustentável, por meio de três pilares principais, sendo esses, culturalmente apropriados, socialmente justo e economicamente viáveis.

Deste modo percebemos que a Agroecologia é a ciência que fornece princípios e métodos para apoiar a transição do atual modelo de desenvolvimento rural (agricultura convencional) para estilos de desenvolvimento e de agricultura sustentáveis (CAPORAL 2015) amplia sua discussão incorporando cuidados especiais relativos ao meio ambiente, aos problemas sociais e a sustentabilidade ecológica do sistema de produção (HECHT 1989).

Caporal (2015) certifica que a Agroecologia não é um tipo de agricultura alternativa, destacando a complexidade dos processos socioculturais, econômicos e ecológicos que se enfrenta durante a evolução da transição Agroecológica, permitindo assim, compreender a diferença entre Agroecologia como enfoque científico das diferentes agriculturas alternativas (Orgânica, Ecológica, Permacultura, Biológica, Natural, entre outras).

Sevilla Guzmán (1997) apresenta um conceito de Agroecologia partindo do entendimento que a mesma fornece as bases teóricas e metodológicas para a construção do desenvolvimento rural sustentável, avançando no sentido do “manejo ecológico dos recursos naturais”, possibilitando “a gestão ecológica dos sistemas biológicos”, estimulando as “formas de ações coletivas” para um redirecionamento da coevolução entre natureza e sociedade, encarando de outra forma a crise da modernidade, sendo essa, ambiental e social.

Segundo os estudos da Agroecologia, as atividades produtivas que buscam o desenvolvimento rural sustentável devem considerar seis dimensões da sustentabilidade que se relacionam entre si: ecológica, econômica, social, cultural, política e ética. Conforme a representação abaixo:

Figura 01: Pirâmide das multidimensões da Sustentabilidade aplicadas à Agroecologia

FONTE: Caporal e Costabeber, 2004, adaptado por NTE, 2017¹⁴

Cada uma das dimensões representam um conjunto de práticas que são fundamentais para a construção de uma sociedade sustentável. Não há como pensar o processo de produção, sem levar em consideração as questões ecológicas (relativas ao meio ambiente) e sociais (relativas as questões humanísticas). O mesmo ocorre quando nos referimos as dimensões culturais (dos saberes, das identidades e das tradições) e políticas (as questões relativas a participação e a cidadania ativa), ambas relacionadas entre si e com as anteriores. E todas estas orientadas por uma dimensão ética, que expresse o compromisso com o outro e com o planeta. (p. 34).

De maneira prática, para construir uma sociedade sustentável em uma perspectiva agroecológica, é necessário produzir com cuidado ao meio ambiente, as pessoas, valorizando a cultura e a participação política, sob uma dimensão ética que se manifeste no campo das relações entre as pessoas e destas com o mundo.

Na minha perspectiva, a defesa da materialização destas dimensões na vida das pessoas ou nas comunidades do campo, deve passar necessariamente pela educação ou pela escola mas tem que ser Necessariamente uma educação comprometida com o processo de emancipação humana e uma escola que dever ser

um lugar privilegiado de formação, de conhecimento e cultura, valores e identidades das crianças, jovens e adultos. Não para fechar-lhes horizontes, mas para abri-los ao mundo desde o campo, ou desde o chão em que pisam. Desde suas vivências, sua identidade, valores e culturas, abrir-se ao que há de mais humano e avançado no mundo (ARROYO, CALDART, MOLINA, 2011, p. 14).

¹⁴ CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e Extensão Rural: contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável, Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

E nunca uma educação comprometida com sistemas capitalistas de produção que se opõem as seis dimensões da sustentabilidade, nos quais, para que dêem lucro, há sempre a necessidade de exploração do meio ambiente e, do trabalho humano, desconsideração das culturas e saberes locais, formando assim indivíduos não participativos que não serão sujeitos políticos plenos e que não questionem o sistema. Mas uma **educação do campo**¹⁵ que percorra o caminho inverso, e que valorize os princípios da agroecologia em suas práticas educativas. Essa educação pode acontecer em uma escola do campo que possibilite uma educação do campo e para o campo. Considerando que esta é uma escola que reconhece e ajuda a fortalecer os povos do campo, *“que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito* (CALDART, 2011, p.110).

De acordo com Caldart (2009), “a educação do campo surge da crítica à realidade da situação educacional dos camponeses e camponesas que trabalham e vivem no/do campo”. Por meio da luta dos movimentos sociais, na busca de construir novas metodologias de ensino e políticas públicas diferenciadas para a construção de um novo rural partindo da realidade de seus territórios¹⁶.

Considerando o Campo como parte significativa do território brasileiro¹⁷, e o projeto de se construir propostas educacionais para o campesinato não somente como uma ação inclusiva, mas principalmente como uma política pública, o conceito de

¹⁵ Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996, Art. 28).

¹⁶ A Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos sem-terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de reforma agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade. (FERNANDES, SANTOS, p. 71. 2008)

¹⁷ E há um detalhe muito importante no entendimento da Educação do Campo: o campo não é qualquer particularidade, nem uma particularidade menor. Ela diz respeito a uma boa parte da população do país; se refere a processos produtivos que são a base de sustentação da vida humana, em qualquer país. Não é possível pensar um projeto de país, de nação, sem pensar um projeto de campo, um lugar social para seus sujeitos concretos, para seus processos produtivos, de trabalho, de cultura, de educação. (FERNANDES, SANTOS, p. 74. 2008)

FERNANDES, Bernardo Mançano. In: SANTOS, Clarice Aparecida. (Orgs.). Educação do Campo: campo – políticas públicas – educação. Incra, MDA/NEAD, 2008.

educação do campo passou a fomentar debates no campo acadêmico e ações coletivas por parte da sociedade civil.

Segundo CALDART, 2012, “ao afirmar a luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à educação, especialmente à escola, e a uma educação que seja *no* e *do* campo [...]”, levando em consideração os valores, os costumes, a cultura, o modo de vida dos povos do campo e não a imposição de uma educação que pertencem às cidades e que não possuem nenhuma ligação com esses povos.

Neste sentido, a educação do campo passa a ser fruto de uma luta dos movimentos camponeses na construção de uma política educacional para os assentamentos de reforma agrária. Quando se fala em educação na Reforma Agrária e Educação do Campo, devemos compreender que são expressões que surgem simultaneamente que se complementam, ou seja, Educação do Campo abrange o todo e a Educação na Reforma Agrária é um tópico que compõe esse todo.

As escolas que trabalham a educação “no” “do” e para o campo constrói uma formação que possibilita a permanência dos sujeitos e sujeitas no campo, inter-relacionando a troca de conhecimentos elencados por meio da história da humanidade perpassando pelos princípios da ética, da moral e da intelectualidade na promoção da segurança ambiental na convivência regional, que pensa esse conhecimento a partir da valorização dos saberes populares e empíricos do modo vida dos povos camponeses, focando no processo formativo críticos que impulsionem esses indivíduos para seu aperfeiçoamento no processo de ensino/aprendizagem na reelaboração do seu ambiente de forma sustentável. Educação essa que estimule os jovens a permanecer no campo buscando tecnologias de produção responsáveis com o meio ambiente, pensando também na permanência dos indivíduos no campo de maneira autônoma.

É nesse sentido que a **educação do Campo** pode ser considerada uma importante dimensão da realização da **Agroecologia** nas comunidades rurais. Por esta possibilitar um “estudar para viver no campo” através de uma educação que atenda as demandas do Campo, que dialogue com suas realidades e desafios. Realidades e desafios vivenciados e enfrentados pelas **juventudes rurais**, que parecem impedir que estes grupos tenham acesso ao trabalho, a renda e a vida

cultural em suas comunidades, buscando alternativas de vida nas regiões urbanas (WANDERLEY, 2007)¹⁸.

Juventudes rurais que precisam ser compreendidas como uma construção social e de maneira múltipla, em suas dimensões geracionais, culturais, e de classe (BOURDIEU, 1983). Que enfrentam problemas sociais no campo como o desemprego, “o êxodo rural e a migração e a questão agrária (GRAZIANO, 1985)¹⁹

Grupos estes, que apesar de todas as contradições, reafirmam suas identidades como trabalhadores e trabalhadoras, camponeses e camponesas, agricultores e agriculturas familiares, “acionando diversas estratégias de disputa por terra e por seus direitos como trabalhadores e cidadãos” (CASTRO, 2009, p. 5)²⁰

É dentro desses contextos, dos desafios da construção de uma sociedade sustentável, da necessidade de promover uma educação do campo, que contribua na formação de jovens que a Escola Família Agrícola da Ibiapaba Chico Antônio Bié é considerada nesse estudo como uma importante instituição popular, quando está em seu Projeto Político Pedagógico que ela

visa atender as famílias que precisam de uma escola que, junto a seus/suas filhos/as, construa conhecimentos científicos ligados ao manejo da terra, responsabilidade com o meio ambiente e economicamente viável em suas localidades, através do estímulo a criatividade, a inovação e a tecnologia, acreditando na independência de cunho profissional e pessoal desenvolvidos ao lidarem com fatores adversos, externos às suas propriedades. (PÁGINA 10)

Uma escola do campo que busca incluir as juventudes do campo, forma-las de maneira contextualizada, crítica e reflexiva para atuar no campo de maneira comprometida com o meio ambiente e com as populações locais.

¹⁸ WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, Maria José & CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

¹⁹ GRAZIANO DA SILVA, José. O que é a questão agrária. São Paulo: Brasiliense, 1985.

²⁰ CASTRO, E. et al. A categoria juventude rural no Brasil: o processo de construção de um ator político. Contribuições para um estado da arte. In: VOMMARO, S. V. A. Y. P. A. Jóvenes, cultura y política en América Latina: algunos trayectos de sus relaciones, experiencias y lecturas. Buenos Aires: Homo Sapiens ediciones, 2010. Cap. 2, p. 89-112.

CASTRO, E. G. D. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. Revista latinoamericana de ciencias sociales niñez y juventud, Manizales, v. 7, n. 1, p. 179-208, Jun. 2009.

_____. Os jovens estão indo embora? Juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

CASTRO, I. E. O problema da escala. In: CASTRO, I. E.; GÓMES, P.; CORRÊA, R. Geografia: conceitos e temas. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 117-140.

Compreender como essa Escola tem atuado no Estado do Ceará, junto as comunidades do campo, como tem formado os jovens e como estes tem atuado em suas realidades, representa o principal desafio desse estudo.

Para isso, as reflexões teóricas apresentadas aqui referentes ao conceito de agroecologia, da educação do campo e das juventudes, serão consideradas lentes interpretativas das realidades observadas na pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O PAPEL DA EFA NA VIDA DOS JOVENS E NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE AGROECOLÓGICA

Como vimos anteriormente, a educação do campo não pode ser considerada simplesmente como uma proposta de ensino voltada para o mundo rural, mas como uma política pública com o objetivo de garantir direitos das populações do campo e transformar suas realidades²¹.

A Escola de Família Agrícola Chico Antônio Bié foi construída coletivamente em 2014²² com esse papel frente as comunidades rurais da região. Todas as ações que acontecem em seu cotidiano como: planejamento, o processo de ensino e de aprendizagem que culminam na formação de jovens técnicos, busca interferir diretamente no meio rural.

De maneira teórica essas ações constam nos objetivos do Projeto Político Pedagógico da EFA quando estes propõem “acompanhar e motivar cada jovem na construção de seu projeto profissional e de vida, na perspectiva da formação integral e do desenvolvimento sustentável das pessoas e do meio” (p. 44.).

De maneira prática, segundo observações realizadas no cotidiano das suas seções de ensino²³, muitas delas tem acontecido na vida dos jovens e nas

²¹ Primeira: A materialidade de origem (ou de raiz) da Educação do Campo exige que ela seja pensada/trabalhada sempre na tríade: Campo – Política Pública – Educação. É a relação, na maioria das vezes, tensa, entre esses termos que constitui a novidade histórica do fenômeno que batizamos de Educação do Campo. (P. 70)

Educação do Campo: campo- políticas públicas – educação / Bernardo Mançano Fernandes ... [et al.]; organizadora, Clarice Aparecida dos Santos. -- Brasília: INCRA; MDA, 2008 109 p.; 19cm -- (NEAD Especial; 10).

²² Conforme descrito na metodologia deste trabalho.

²³ Na condição de estudante e posteriormente de voluntária de algumas ações.

comunidades, por meio das pesquisas e encontros de retorno dos planos de estudo - PE²⁴, dos projetos de vida familiar e profissional dos jovens - PVFPJ²⁵, realizados pelos estudantes, da promoção de ações de comunicação rural, de divulgação de novas formas de produção agroecológicas.

Apesar da instituição se propor a construir todas essas ações, muitos são os desafios postos a escola relacionados a sua manutenção. É importante destacar que a instituição não recebe recursos do poder público para custear as ações, nem tão pouco a equipe de educadores e educadoras são remunerados pelas redes de ensino. A maioria das ações são voluntárias e todas as despesas com alimentos, produtos de limpeza, contas de água e energia, são pagas de maneira coletiva, por meio de parceiros que fazem doações²⁶. Inclusive as famílias dos educandos contribuem na ajuda de custos.

É importante destacar que na unidade didática os educandos e educadores produzem hortaliças, outras culturas e criam animais, e essa produção pode ser utilizada tanto para a alimentação do grupo, quanto para a comercialização, com a finalidade de obter recursos para custear as ações.

Diante dessas intencionalidades e desafios, é importante compreender de que maneira a escola tem conseguido interferir na vida dos jovens, e por meio destes, nas realidades das comunidades onde vivem.

Em função disso, alguns questionamentos foram construídos: como acontece processo formativo dos jovens? Esses jovens têm atuado profissionalmente como

²⁴ Um tema da realidade para o/a jovem pesquisar junto a sua família, comunidade, etc. Por princípio, o PE é um dos elementos integradores do tempo-escola com o tempo-comunidade, família. (PPP – EFA. p. 37)

²⁵ Um documento escrito ao final do curso como um dos requisitos para sua qualificação final. Podemos dizer que o PVFPJ é uma sistematização final do curso. Ele representa um meio de desenvolver as capacidades de projeção, elaborar formalmente o que pretende fazer. Um meio de planejar o seu futuro com um meio de gerar renda para si, sua família, seu grupo. Com o PRONAF JOVEM este instrumento ganha mais força, pois, estimula o jovem a buscar recursos para aplicar, utilizando o seu projeto como forma de inserção profissional. O Plano de Formação Geral do Curso e os Planos de Estudo que integram as alternâncias, bem como o Acompanhamento Personalizado, os Estágios, etc. ao longo de todo o percurso formativo dos três anos previstos do curso, devem ajudar a orientar na decisão sobre o tema e na elaboração concreta do documento final. (PPP – EFA. p. 40)

²⁶ Instituições parceiras como o Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTRs) dos municípios de Tianguá, Viçosa do Ceará, Frecheirinha e Ibiapina, as Associações comunitárias de Bom Jesus e Pindoguaba e a Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Ceará (FETRAECE), o Assentamento Nova Esperança, a Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE) de Tianguá com a doação de material e livros, o Movimento Ibiapabano de Mulheres (MIM), a Cáritas Diocesana de Tianguá e o Mercantil Bom Preço.

técnicos em agropecuária? Como atuam? Esses jovens têm contribuído com o desenvolvimento sustentável de suas comunidades? Como a agroecologia tem acontecido por meio das suas ações?

Na sequência, apresentamos os resultados do estudo, por meio de reflexões sobre essas e outras questões organizadas em três momentos: a vida antes da EFA, a experiência de formação e a realidade em que os jovens se encontram hoje.

4.2 A VIDA ANTES DA ESCOLA FAMILIA AGRÍCOLA

Segundo as entrevistas realizadas com os e as jovens, suas vidas antes da experiência de estudos na EFA Ibiapaba, poderiam ser consideradas como “vidas comuns” de uma juventude do campo. Muitos trabalhavam na roça, estudavam em escolas da comunidade, e pareciam destinados a dar continuidade as práticas locais de seus familiares, exceto os que pensavam em buscar trabalho nos centros urbanos. Vidas em construção, cujas realidades podem ser observadas em estudos como os de Maria José Carneiro (2007)²⁷, referentes aos desafios dos jovens rurais.

Com as informações obtidas na pesquisa, pudemos construir uma breve caracterização da realidade dos jovens no que se refere ao acesso a educação, a visão de mundo, a participação, ao trabalho e as possibilidades de construir seus projetos de vida, antes de suas experiências como estudantes da EFA²⁸.

Para uma melhor exposição dos dados, apresentamos a seguir as reflexões construídas com base nas falas dos jovens entrevistados.

4.2.1 PERSPECTIVA EDUCACIONAL DOS JOVENS

A realidade da educação nas comunidades rurais no Brasil, tem sido marcada por falta escolas para atender as crianças e os jovens, por currículos descontextualizados das necessidades e das questões do campo e do interesse de

²⁷ CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná (Org.). Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro; Mauad X, 2007.

²⁸ Com esse tópico, intencionamos compreender se a experiência da EFA repercutiu de alguma maneira na trajetória de vida dos jovens, mais precisamente, nas dimensões de educação, visão de mundo sobre o campo, participação política, perspectiva de trabalho.

seus sujeitos. Essas e outras questões tem construído propostas educacionais que deseducam os jovens para viver no campo, fragilizando mais ainda esse espaço social de políticas públicas comprometidas com o seu desenvolvimento²⁹.

Este parece ser o cenário da perspectiva educacional dos jovens entrevistados. Na medida em que o grupo revela desafios significativos em suas experiências escolares nas comunidades/cidades onde viviam, conforme observamos no quadro síntese abaixo:

QUADRO 02: SOBRE A PERSPECTIVA EDUCACIONAL DOS JOVENS

FALAS SIGNIFICATIVAS	
Escolas consideradas convencionais e descontextualizadas	Tinha participado de uma formação no modelo convencional de ensino e via que pouco tinha me ajudado em relação a minha vida, esta formação pouco influenciava no dia a dia da minha família. (educando Neco)
	Sempre estudei em escolas públicas, ou seja, em escolas convencionais que não dialogava com minha realidade, dando-se sempre prioridade às culturas e à realidade em grande maioria de outro país. (educando Zulmira)
	Antes de entrar na EFA eu tinha uma metodologia de ensino convencional, onde recebíamos livros com o conteúdo de outros países e regiões para estudar e o nosso objetivo era apenas decorar e passar nas provas no final do ano. Nunca se falava da nossa realidade. (educando Sebastiana)
	Antes da EFA, minha relação com educação era normal, era sempre escola e casa sempre com conteúdo que não dialogava com minha realidade, sempre fui um aluno interessado, mas nunca teve preocupação dos professores, exceto alguns, sempre foi por mim e sempre por mim. (educando Quinzinho)
	A educação, se dava de forma convencional aonde os educandos se obrigavam a estudar para tirar uma nota, independente se estavam entendendo o conteúdo ou não. (educando Marcolino)
Educação voltada para a cidade que desconsiderava o campo.	Em relação à educação recebida nas escolas na qual frequentei antes da EFA, eu achava normal, e não me atentava muito para o fato de a mesma ser voltada apenas para a cidade, influenciando a saída dos jovens do meio rural. (educando Jeremias)
	A educação era desfavorável tanto ao meio social e ao campo, era ligada mais para o caminho do capitalismo, agronegócio, politicagem, preconceito, desigualdade, machismo, patriarcado, etc. (educando Maria)

Segundo as informações obtidas nas entrevistas apresentadas no quadro acima, os jovens estudavam em escolas públicas, cujo ensino se dava de maneira convencional, não dialogando com suas realidades. Um exemplo disso podemos observar na fala do **educando Marcolino**, em que para ele “a educação, se dava de

²⁹ KOLLING, Edgard Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli. (Orgs). Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. Brasília/DF: 2002. Coleção por uma Educação do Campo, n. 4.

forma convencional aonde os educandos se obrigavam a estudar para tirar uma nota, independente se estavam entendendo o conteúdo ou não”.

É importante destacar que ao se referir ao estudo convencional, o entrevistado o faz em comparação a sua experiência na EFA. Pois no período anterior a sua vivência na escola família agrícola, não sabia necessariamente diferenciar uma proposta de ensino convencional de uma proposta de ensino contextualizada. Por isso, que quando foi questionado na entrevista sobre como foi sua experiência de educação anterior a EFA, este o respondeu seguindo seu novo referencial de análise, comparando a vivência anterior com a última. Logo passando a considerar o ensino convencional de maneira crítica, conforme podemos observar na fala do **educando Jeremias**

Em relação a educação recebida nas escolas na qual frequentei antes da EFA, eu achava normal, e não me atentava muito para o fato de a mesma ser voltada apenas para a cidade, influenciando a saída dos jovens do meio rural. (educando Jeremias)

Nessa perspectiva crítica, a **educanda Sebastiana**, destacou que o ensino na escola, valorizava mais o estudo dos livros didáticos, cujos conteúdos eram descontextualizados, por apresentarem situações e realidades diferentes das vivenciadas pelas populações do campo.

Ao destacar como o livro didático e os conteúdos eram ensinados de maneira dissociada das questões da comunidade, podemos compreender que a entrevistada tem ciência da importância tanto do livro quanto dos conteúdos para a formação das crianças e jovens. E ao fazer isso, reconhece que não tivera acesso a uma educação comprometida com um processo formativo crítico.

Essa distância entre as propostas de ensino nas escolas públicas, a realidade e as demandas dos jovens também é revelada pela **educanda Maria** ao afirmar que “o meio social não era considerado nas propostas de ensino da escola”. Ou seja, que sua experiência como estudante da escola de sua comunidade não permitiu o debate sobre questões do seu cotidiano, tão importantes para os jovens do campo: *tinha participado de uma formação no modelo convencional de ensino e via que pouco tinha me ajudado em relação a minha vida, esta formação pouco influenciava no dia a dia da minha família.* (Educando Neco)

Em outras palavras, as propostas educativas das escolas, não dialogavam nem com suas realidades nem com as próprias demandas dos estudantes, configurando em um ato de depositar o conhecimento (dos livros e dos conteúdos) nos alunos representando uma educação bancária³⁰.

Essas reflexões confirmam os estudos de Caldart (2002), que afirmam que “há currículos deslocados das necessidades e das questões do campo” e que esta e outras realidades revelam uma escola excludente e reprodutora das desigualdades sociais.

Em função disso, a autora revela a importância de construir uma educação do campo que esteja no campo, mas também que seja do campo: *uma escola política e pedagogicamente vinculada à história, à cultura e às causas sociais e humanas dos sujeitos do campo, e não um mero apêndice da escola pensada na cidade (p. 13).*

De acordo com as falas dos entrevistados, concluímos que suas experiências de estudos antes da EFA se deram em escolas que não conseguiam levar em consideração as demandas do Campo, nem tão pouco formar as juventudes para permanecerem nas comunidades de maneira autônoma.

4.2.2 VISÃO DE MUNDO SOBRE O CAMPO

Outro aspecto diretamente relacionado ao processo formativo dos jovens (na escola ou em suas comunidades) é referente as suas visões de mundo sobre o campo. Isso porque, compreendemos que as visões de mundo dos jovens podem em muito orientar suas ações no meio em que vivem, repercutindo em suas práticas cotidianas e muitas vezes na decisão de ficar ou sair do Campo.

³⁰ Segundo Paulo Freire (2011) no livro Pedagogia do Oprimido a educação bancária acontece quando: a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados; b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição; g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele; i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.

É o que aponta os estudos de Carneiro (2007) em que destaca a importância de analisar as “mentalidades dos jovens rurais”, referentes aos valores e visões para compreender suas possíveis tomadas de decisão sobre a opção de trabalho ou construção de trajetórias de vida³¹.

As entrevistas dos jovens revelaram diferentes visões de mundo sobre o Campo. Apesar de alguns apontarem para a existência de uma identificação com o rural, uma parcela revelou que não se identificavam com o espaço, que não tinham perspectivas de acesso a trabalho e renda em suas comunidades, conforme revela o quadro síntese abaixo:

QUADRO 03: A VISÃO DE MUNDO SOBRE O CAMPO

FALAS SIGNIFICATIVAS	
Visão favorável sobre o campo	A visão de mundo sobre o campo: sempre gostei de trabalhar no campo ajudar a minha família (educanda Tia Malvina)
	Sempre gostei do campo, por gostar de aventuras. Gosto de trabalhar com meu pai na roça, mas sempre queria ter uma profissão fora do campo para ter os meus recursos financeiros, mas desejaria continuar com as atividades do campo, acho que é devido a minha paixão pela cultura e tradições. (educando Quinzinho)
	Já era angustiado com as injustiças do mundo, entretanto não buscava me aprofundar e ter argumentos para me posicionar e contrapor. Por toda a vida tive uma paixão pela vida harmoniosa no campo criando minhas lavouras e bichos, porém não ligava para as questões sociais que influenciam nessa harmonia com o viver bem no campo. (educando Mané)
Visão crítica sobre o campo	Um dos meus principais sonhos era terminar o ensino médio e ir embora para a cidade, trabalhar em casa de família. Nunca via o campo com nenhuma uma perspectiva de vida, na verdade para mim era um castigo. (educanda Zulmira)
	Via o campo com um lugar de muito sofrimento onde eu não conseguia ver oportunidade de se ter uma vida digna e com qualidade, enxergava somente a seca e a morte tanto da terra do solo rachado quanto dos animais que morriam de fome, mesmo vivendo aqui no sertão com muitas riquezas só sentia que deveria ir para um grande centro no sul do país. (educando Neco)
	Acreditava ser um meio de sobrevivência, no entanto via poucas possibilidades de sucesso. Via os trabalhos do campo como algo muito sofrido e de pouco valor, na minha mentalidade da época eu precisava estudar para um dia sair do meio rural e buscar por melhores condições de vida no meio urbano. (educando Aparício)

³¹ CARNEIRO, Maria José. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná (Org.). Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro; Mauad X, 2007.

	Estudar se formar e construir uma família. O então se formar e ir morar no Rio ou em São Paulo porque no campo não tem como se sustentar. E morar na cidade para não ser igual ao nossos pais, O velho ditado ou estuda ou vai trabalhar na roça igual seus pais. (educanda Sebastiana)
	Minha visão era que o campo não gerava sustento para o povo camponês, no meu ponto de vista seria necessário se deslocar para cidade ou para capital adquirir outra forma de sobrevivência. (educanda Maria)

Apesar de alguns entrevistados revelarem uma visão favorável sobre o campo, o considerando como o lugar da construção de suas histórias de vida, uma parte revelou outro entendimento ao não ver no espaço perspectiva. Tomemos a fala da **educanda Zulmira**, como exemplo: “Nunca via o campo com nenhuma uma perspectiva de vida, na verdade para mim era um castigo”.

Conforme podemos verificar na fala da educanda, sua visão de mundo sobre o campo não conferia a estas condições de trabalho ou de felicidade, mas uma espécie de sofrimento revelado pela palavra “castigo”.

Podemos identificar a mesma negação do campo na fala do **educando Aparício**, quando este afirma que “Eu precisava estudar para um dia sair do meio rural e buscar por melhores condições de vida no meio urbano”.

Por outro lado, mesmo reconhecendo que o campo representava um espaço de desafios, o **educando Quinzinho**, revelou que não desejaria abandonar o local, mas conciliar uma profissão fora do campo com a vida em sua comunidade: “Queria ter uma profissão fora do campo para ter os meus recursos financeiros, mas desejaria continuar com as atividades do campo” (Quinzinho).

A partir dessas falas compreendemos que os jovens egressos da EFA manifestaram visões distintas sobre a vida no Campo, o que pode ser explicado em função das suas participações no meio em que vivem, em especial de seus processos formativos. Na medida em que a escola e outras instituições podem exercer um importante papel na construção dessas visões de mundo (como vimos no tópico anterior), repercutindo diretamente em suas tomadas de decisão em relação a construção ou não de projetos de vida no meio rural.

4.2.3 A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS JOVENS

Em nosso estudo, identificar como se dava a participação política dos jovens no meio rural antes da experiência da Escola de Família agrícola representa uma importante informação para sabermos se a vivência na formação na EFA contribuiu de alguma maneira em suas formas de compreender e atuar na vida política como sujeitos históricos em suas comunidades³².

Em outras palavras, compreender como se dava a participação política dos jovens no meio rural, nos ajuda a revelar de que maneira esses sujeitos se inseriam em suas comunidades, atuando nos grupos ou não, construindo uma consciência crítica, fortalecendo seu poder de reivindicação e a preparando para adquirir mais poder na sociedade (BORDENAVE,1994, p.12)³³.

O quadro abaixo revela informações importantes sobre essas realidades:

QUADRO 04: SOBRE A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DOS JOVENS

FALAS SIGNIFICATIVAS	
Participação política dos jovens	Já me engajava na comunidade e procurava estar atento as decisões dos líderes do município, mas não via o sindicato e as demais ONGs como força nesta área e também nunca pensava em mim engajar a sério nas lutas, não tinha nenhum contato com as grandes lideranças dos movimentos. (educando Neco)
	A minha participação em relação à política, sempre foi forte nos grupos sociais e religioso da comunidade, mas em relação a política partidária sempre seguia meu pai nos seus pensamentos. (educando Quinzinho)
	Participava de diversas pastorais (pastoral da criança, Pastoral da Juventude do Meio Popular , Conselho comunitária da capela , era coordenadora de base do STTR de Ibiapina (educanda Tia Malvina)

³² Considerando que aos sistemas educativos, formais e não-formais, caberiam desenvolver mentalidades participativas pela prática constante e refletida da participação” (BORDENAVE, 1983, p. 26).

³³ BORDENAVE, Juan E. Díaz. O que é Participação. São Paulo: Brasiliense, 1994. 85p.

	Minha participação política antes da EFA, era mais ligada para os movimentos da igreja católica: nos grupos (coral , da mãe rainha , do crisma , primeira eucaristia, novenários em homenagem a maria, terço em família, festejo do padroeiro são João Batista) aos poucos fui entendendo que existia outros movimentos sociais que também são interligados ao campo e a cidade, minha mãe já era engajada no movimento sindical e atualmente ainda é, inclusive é sócia do sindicato rural de Tianguá, mesmo antes da EFA IBIAPABA eu entendia que existia esses movimentos mas não sabia como era trabalhado, mas minha mãe nos repassava que existia e existe esses outros movimentos sociais que trabalham com o campo especificamente e alguns movimentos de mulheres, pois minha mãe começou a ter esse conhecimento e acesso somente pela participação no movimento sindical, assim eu fui começando a ter curiosidade de saber como eram realizadas as atividades desses outros movimentos sociais, além dos movimentos interligados a igreja católica. (educanda Maria)
Negação da política	Eu odiava política, e não gostava nem que mencionassem o nome. (educanda Zulmira)
	Para mim era aquele evento que tem de quatro em quatro anos, onde os candidatos chegam nas localidades prometendo mil maravilhas e no final não fazem nada. Para mim era só politicagem onde a maioria vendia seus votos em troca de favores. Não queria saber de política pois para mim era algo ruim, no qual poucos se beneficiavam. (educando Sebastiana)
	Não tinha interesse por participação e representatividade, ou não interessava pela política. (educando Mané)
	Na verdade, a minha participação nestes espaços era considerada nula, pois eu tinha um preconceito muito grande com a política, por conta de atos de politicagem existente na política partidária, compreendendo eu que a política se resumia penas aquele cenário de um querendo puxar o tapete do outro. (educando Jeremias)

Conforme podemos observar nas falas significativas alguns jovens participavam da vida política em suas comunidades antes da experiência da EFA. Essa participação se dava em espaços religiosos, nos sindicatos, Organizações Não Governamentais, etc. Os temas ou questões discutidas nesses espaços eram geralmente relacionadas as questões do campo como vida dos jovens rurais, trabalho, etc.

Quando a **educanda Maria** afirma que a sua “participação política antes da EFA, acontecia nos grupos da igreja católica”, percebemos que estes espaços se configuram em uma das primeiras formas de participação institucional que os indivíduos vivenciam no cotidiano de suas comunidades.

Alguns jovens expressam que por meio da participação política considerado, os indivíduos podem participar das tomadas de decisão, reivindicação, resolução dos problemas locais nos grupos religiosos, associações comunitárias e movimentos sindicais.

Já o **educando Neco**, mesmo afirmando que “se engajava na comunidade e procurava estar atento as decisões dos líderes do município” não reconhecia o sindicato e as demais ONGs como espaços políticos importantes.

Por outro lado, alguns jovens revelaram que não valorizam política por esta ser interpretada de maneira negativa, a considerando como uma “politicagem que ocorre a cada quatro anos nas eleições municipais”. Para o **educando Jeremias** “a participação nestes espaços era considerada nula, pois eu tinha um preconceito muito grade com a política por conta de atos de politicagem”.

Nesse caminho, a participação na vida da comunidade por parte dos jovens é considerada como uma prática ou dimensão da vida dispensável. Entre outras palavras, a vida política não representava o campo do interesse dos jovens, isso pelo desentendimento das dinâmicas da participação, ou pela sobrecarga de atividades (de trabalho e estudos) em seus cotidianos que não permitia que estes se envolvessem com tais questões.

4.2.4 A PERSPECTIVA DE TRABALHO

A realidade das condições de acesso de trabalho e renda por parte dos jovens entrevistados revelam diversas contradições sociais que acontecem no nordeste brasileiro. Essas informações podem ser observadas no quadro abaixo:

QUADRO 05: SOBRE A PERSPECTIVA DE TRABALHO DOS JOVENS

FALAS SIGNIFICATIVAS	
Perspectiva de trabalho no campo	A perspectiva do trabalho era continuar ajudando minha família, e assumir um cargo na diretoria do STTR. (educanda Tia Malvina)
	Almejava um emprego em uma empresa qualquer no município, que me proporcionasse estabilidade econômica para que eu pudesse ajudar financeiramente minha família, que vivia unicamente da agricultura de subsistência. (educando Aparício)
	A minha perspectiva de trabalho sempre foi no meio rural, querendo eu me formar em medicina veterinária de animais domésticos de grande e médio porte e em agronomia e exercer o meu trabalho na minha própria propriedade e para outras pessoas que me procurassem. (educando Jeremias)
	Antes da EFA eu trabalhava em casa de família como diarista e o período que eu ficava em casa ajudava nas atividades domésticas e ajudava no roçado, no quintal produtivo quando era o serviço que era necessário eu e minha mãe fazer, na capina, plantio, colheita, na poda, na adubação,

	coberturas do solo, no momento de regar as plantas armazenamento das sementes. (educanda Maria)
	Eu queria trabalhar em casa de família. (educando Zulmira)
	Arrumar um trabalho em casa de família. Pois era a única coisa que eu sabia fazer. Ou então ficar em casa ajudando a mãe. (educanda Sebastiana)
Perspectiva de trabalho na cidade	Já tinha feito o êxodo rural e tinha retornado ao meu interior por motivos particulares mas idealizava voltar a um grande centro do Sul, me empregar por lá em alguma lanchonete como já tinha sido feito por meu padrinho e construir uma vida por lá como ele construiu sem largar os estudos e procurando evoluir de empregado para patrão. (educando Neco)
	Minha perspectiva de trabalho, era trabalhar em uma empresa grande onde tinha patrão e o proletariado com suas desigualdades. (educando Marcolino)

De acordo com as falas dos jovens, muitos vivenciavam o trabalho junto as suas famílias, na agricultura ou em outras atividades. O cultivo da terra e a realização de atividades locais, representava as suas principais atividades econômicas em suas comunidades.

As jovens **educandas Zulmira, Sebastiana e Maria** apontam para o trabalho na comunidade, não relacionados as questões de produção na agricultura, mas sim, a prestação de serviços domésticos para se obter renda. Ou seja, se por um lado, o acesso ao trabalho pode ser considerado desafiador por parte dos jovens do gênero masculino, esta realidade é muito mais difícil por parte das mulheres.

Outros jovens revelavam que não consideravam o campo como espaço de inserção no mundo do trabalho. Ou seja, pretendiam fazer o êxodo rural ou trabalhar nas sedes dos municípios com o intuito de “obterem estabilidade financeira”. Isso fica visível quando o **educando Aparício** relata que “almejava um emprego em uma qualquer empresa no município, que proporcionasse estabilidade econômica para que eu pudesse ajudar a minha família”.

Quando o **educando Mané** afirma que “pensava em praticar o êxodo rural, arrumar uma grana e ter um rancho com a vida camponesa que sonhara”, este parece reconhecer que as condições de trabalho no campo não possibilitam um acesso a renda necessária para se viver, por isso tem que sair do lugar para ter acesso a melhores condições econômicas. Apesar de fazer essa afirmação, ele demonstra sua intenção de continuar morando no campo.

Refletindo sobre as falas das entrevistas, compreendemos que os jovens podem encontrar alguns desafios relacionados as suas condições de acesso ao trabalho no

campo, entre elas, a própria maneira como a agricultura vem sendo realizada nas comunidades, geralmente de maneira tradicional limitada ao uso de ferramentas simples e muitas horas de trabalho ao sol, a comercialização e os baixos valores das mercadorias repercutem diretamente no acesso a renda por parte dos jovens, fazendo com que estes, ou busquem outros tipos de trabalho (que não sejam da agricultura) ou busquem o êxodo rural como alternativa de vida.

4.2.5 EXPERIÊNCIA COM A AGROECOLOGIA

Em relação as experiências com a agroecologia destacamos as principais reflexões no quadro abaixo:

QUADRO 06: SOBRE A EXPERIÊNCIA COM A AGROECOLOGIA

FALAS SIGNIFICATIVAS	
Conhecimentos sobre agroecologia a	Sim, já participava de ações do CETRA-Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador e já participara de intercâmbios e experiências em Agroecologia como quintais produtivos e sistemas agroflorestais- SAFs. Não conhecia o significado e nem os conceitos da Agroecologia. (educando Mané)
	Tudo mudou no ano de 2015, quando a instituição CETRA chegou com o Projeto Paulo e dentro desse projeto tinha oficinas de políticas públicas, sementes e agroecologia etc.... A parti daí comecei minha paixão por agroecologia, mas o único conceito que vinha na minha cabeça era a produção sem veneno, no entanto quando cheguei na EFA, percebi que agroecologia era muito mais do que eu conhecia e o encantamento foi ainda maior e hoje sou uma defensora da agroecologia tanto na pratica como na teoria, a cada dia tento me reinventar de uma forma que o meio ambiente não seja prejudicado pelas as minhas ações. (educanda Zulmira)
	Eu tive contato com a produção de base agroecológica mesmo sem saber, pois meu avô produzia dessa maneira, porém nem o mesmo sabia a pratica que fazia, pois apenas fazia tal pratica por conta dos mais velhos que lhe ensinavam métodos de produção, e também pela a observação que ele fazia na natureza observando qual inseto se alimentava de quem e qual planta ou erva eles atacavam mais ou a rejeitavam. (educando Jeremias)
Desconhecia agroecologia a	Antes da EFA nunca tive contato com algo do tipo, e apesar de estar nas instituições não era o suficiente. (educando Quinzinho)
	Nunca na minha vida antes da EFA tinha tido contato com nada relacionado a agroecologia pelo menos não que eu tivesse percebido. (educando Neco)
	Não conhecia nada referente a agroecologia, nem tampouco havia tido alguma experiência, pois não tinha interesse algum na área agrícola ou da pecuária. (educando Aparício)

Conforme podemos observar, as entrevistas revelaram que parte dos jovens tiveram acesso a experiências de trabalho na área da agroecologia, por meio da observação de familiares ou de projetos que aconteceram em suas comunidades, ou por uma participação mais direta com as ações realizadas por assessorias técnicas.

Isso pode ser confirmado na fala da **educanda Zulmira** quando ela diz que “quando a instituição CETRA chegou com o projeto Paulo Freire e dentro desse projeto tinha oficinas de políticas públicas, sementes e agroecologia [...] o único conceito que vinha na minha cabeça era produção sem veneno”, ou seja, entende apenas os processos produtivo agroecologia e não como uma ciência.

Por outro lado, outros jovens não tiveram conhecimento ou experiências com práticas agroecológicas em suas comunidades. Revelaram que desconheciam tal forma de produção no meio rural. O **educando Quinzinho** confirma essa informação quando declara que “antes da EFA nunca tive contato com algo do tipo”.

Segundo a pesquisa percebe-se que a agroecologia é uma área do conhecimento e produção desconhecida por uma parcela dos jovens.

4.3 A EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da EFA Ibiapaba³⁴ a proposta de ensino da escola se utiliza de métodos, técnicas e estratégias participativas e emancipatórias, reconhecendo os saberes empíricos dos educandos como parte do processo de formação.

Utilizamos-nos dos termos de Piaget: funções psicológicas fundamentais e funções psicológicas superiores, como sistematização na maturação intelectual do conhecimento em seus passos a galgar pelo/a educando/a. Mais uma vez, priorizando as vivências dos/as educandos/as como ponto de partida do ciclo da aprendizagem. (PPP – EFA IBIAPABA, 2018. p. 15)

³⁴ PPP – Projeto Político Pedagógico. Escola de Família Agrícola do Ibiapaba Chico Antônio Bié. 2018, Tianguá – CE.

A educação contextualizada³⁵ busca de desenvolver o protagonismo das juventudes do campo através da promoção da ciência e de tecnologias adaptadas para convivência de cada região em que estão inseridos, com o intuito de construir o bem viver no campo, promovendo a melhoria de vida das famílias e comunidade.

De acordo com os jovens entrevistados, a proposta de valorização da realidade como ponto de partida para o processo de ensino/aprendizagem³⁶ proporciona uma ação libertadora em suas formações.

São essas e outras questões que podemos observar no quadro abaixo, que busca descrever as experiências dos jovens na educação do campo:

QUADRO 07: SOBRE A EXPERIÊNCIA COMO EDUCANDO DA EFA (EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA)

FALAS SIGNIFICATIVAS	
Como foi a sua experiência como educando da EFA (Educação Contextualizada)? Perspectiva da valorização da realidade	Falar da EFA não é nada fácil, costumo dizer “mãe EFA” a minha experiência foi como um tapa na cara, mas na verdade foi um tapa de realidade, vir de um modelo de educação que não te corresponde e entra na EFA, é como entrar no paraíso lá você vai ter uma educação voltada para tua realidade, dentro de três princípios (Família, comunidade e escola), para mim viver educação contextualizada foi reviver o passado, reconstruir o presente e esperar o futuro. (Educanda Zulmira) Foi a experiência mais transformadora que já vivenciei. Vivenciar a educação contextualizada me fez ter outra visão da realidade em que vivo, e me ajudou a compreender o mundo de uma forma geral e me posicionar enquanto jovem rural e imponderado. (Educando Aparício)
Como foi a sua experiência como educando da EFA (Educação Contextualizada)? Perspectiva das relações humanas	...foi bastante rápida pois nunca tinha vivido uma experiência tão intensa, fui abrindo minha mente para um outro mundo obtendo novos saberes, tendo uma consciência maior do impacto das minhas ações no meio social que vivo, fui mudando meus hábitos e procurando melhorar como pessoa, ajudar mais os outros, sendo mais paciente, amar mais o campo, e fui vendo suas grandes potencialidades, também devo ressaltar que o modelo que estava inserido era totalmente novo e desafiador (educando Neco) E experiência da EFA foi uma das melhores coisas de minha vida, digamos que foi um divisor de águas no meu modo de viver e de se relacionar com as pessoas, a experiência de viver em uma escola foi algo surreal e a cada dia a gente aprendia algo de novo não só matéria técnica e da base comum, mas a importância de dividir, de se importar com a dor do próximo, de saber como tinha sido a sessão

³⁵ Uma educação contextualizada que contribua com a difusão de novas tecnologias para o trabalho agrícola, na consolidação de novas práticas de convivência com o semiárido pensando numa organização responsável produtiva no campo, utilizando-se como meio a formação de base agroecológica com seu fim na melhoraria das condições de vida das comunidades rurais. (PPP – EFA IBIAPABA, 2018. p. 9)

³⁶ CHIARELLA, Tatiana et al. A pedagogia de Paulo Freire e o processo ensino-aprendizagem na educação médica. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 39, n. 3, p. 418-425, 2015.

	família, de saber se seu colega estava entendendo o conteúdo apresentado. [...] não esquecendo também dos educadores que se destacavam de suas residências de forma voluntária movidos pelo amor de repassar seus conhecimentos aos educandos de uma escola família agrícola. (Educando Marcolino)
	A convivência com os demais educandos e a relação aluno/professor/monitor, que nos possibilita criar laços fortes uns com os outros e nos prepara para a vida fora da escola. (Educando Aparício)

Conforme as informações apresentadas acima sobre a experiência de formação na EFA, a **educanda Zulmira** destaca que vivenciou uma educação voltada para realidade, que promoveu diálogos, socialização de saberes acumulados possibilitando reviver o passado, reconstruir o presente e esperar³⁷ o futuro, ou seja, reelaborar e produzir conhecimentos na busca das transformações das realidades e no empoderamento dos jovens do campo.

Segundo a fala da educanda, compreendemos que a experiência dos jovens com a educação do campo é fundamentada na valorização da identidade de jovens rurais, que de acordo com o PPP deferente em uma educação básica, contextualizada nas reais necessidades, desafios, sonhos, histórias e culturas desses jovens.

Já para o **educando Aparício** ampliou sua visão da realidade, contribuindo para que ele vivenciasse um processo de empoderamento enquanto jovem rural.

Para o **educando Neco**, a experiência possibilitou a compreensão da complexidade da realidade, o fazendo utilizar a educação contextualizada como ação de luta e resistência concretizada a partir das relações de diálogo³⁸ entre homem/mulher e natureza, entre educador e educando, entre conhecimento empírico e conhecimento científico, entre teoria e prática.

Observa-se na pesquisa que a escola contribuiu na convivência com os demais educandos e as relações de cuidado com o outro.

³⁷ Segundo **Paulo Freire**: “É preciso ter **esperança**, mas ter **esperança** de o verbo **esperançar**; porque tem gente que tem **esperança** do verbo esperar. E **esperança** de o verbo esperar não é **esperança**, é espera. **Esperançar** é se levantar, **esperançar** é ir atrás, **esperançar** é construir, **esperançar** é não desistir

³⁸ DA SILVA OLIVEIRA, Diana Nara; DOS SANTOS FEITOSA, Adriana Madja; RIBEIRO, Luís Távora Furtado. EDUCAÇÃO DO CAMPO E A INTER-RELAÇÃO COM A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: A EXPERIÊNCIA DE VIDA COMO PONTO DE PARTIDA E DE CHEGADA DOS PROCESSOS ESCOLARES. Humanidades & Inovação, v. 7, n. 12, p. 124-137, 2020.

Nesse mesmo contexto o **educando Marcolino** ressalta “a importância de dividir, de se importar com a dor do próximo, de saber como tinha sido a sessão família, de saber se seu colega estava entendendo o conteúdo apresentado”, não havendo uma competição entre os educandos, mas sim um crescimento mútuo, tendo em vista que essas relações contribuem na formação das pessoas para a vida posterior a experiência da escolar. Como relata o **educando Aparício**.

É importante destacar que, os jovens relataram que os momentos culturais, os intercâmbios as discussões sociais marcaram muito a vivência na EFA, contribuindo em suas formações pessoais e profissionais.

A vivência na EFA também possibilitou a valorização da participação dos sujeitos em Organizações sociais e movimentos do campo. É o que destaca o educando Neco ao relatar que “a questão da força e da importância dos movimentos sociais realmente me fez ver o quanto o trabalho de formação e conscientização política e social é importante”.

4.3.1 SOBRE O PAPEL DOS CONTEÚDOS E DA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NA FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL DOS JOVENS

Como foi visto anteriormente, apesar de haver uma dificuldade para a materialização de práticas de ensino contextualizadas nas aulas da EFA Ibiapaba, por meio do tema gerador e do Plano de estudo, o processo de aprendizagem dos educandos aconteceu na maioria das vezes de maneira integrada e problematizadora.

Percebe-se que de acordo com as entrevistas os educandos vivenciaram no processo de formação as dimensões ambientais e sociais da agroecologia. O quadro abaixo apresenta as falas significativas sobre as vivências nas práticas agroecológicas e sobre as relações sociais construídas ao longo do processo formativo.

QUADRO 08: SOBRE COMO OS CONTEÚDOS NA ÁREA DA AGROECOLOGIA FORAM ESTUDADOS

FALAS SIGNIFICATIVAS	
Conteúdos na área da agroecologia, vivências práticas	Sim estudamos conteúdos teóricos e práticos sobre agroecologia, dentre eles estudamos a importância da cobertura de solo, defensivo natural, princípios da agroecologia, significado do nome e a importância da mesma. Em grande maioria era pesquisas e vídeos entre outros, mas também além de colocarmos em prática a agroecologia nas nossas famílias, também tínhamos nosso lugar de experimento, que era perto da escola e lá trabalhamos com base agroecologia. (Educanda Zulmira)
	[...]a todo momento na EFA vi uma nova forma de cultivar a terra novas ferramentas para conviver com ela, aprendi que o solo é um organismo vivo e que precisa ser protegido, aprende a dar valor aos saberes populares. (Educando Neco)
	Sim, aplicando conhecimentos teóricos na prática, os teóricos de maneira contextual olhando para onde estava inserido e interferindo com a aplicação de técnicas práticas na realidade, como, a exemplo o uso de Caldas alternativas, conservação de solo por meio de curva de nível e compostagem (Educando Mané)
Contribuição da educação contextualizada para as relações sociais	Me proporciona um melhor diálogo com as pessoas que trabalho. A desenvolver uma metodologia mais prática e acessível a todos. A conhecer um pouco da realidade deles e a partir de então da continuidade ao meio trabalho. (Educanda Sebastiana)
	Com certeza, pois através dessa educação diferenciada aprendemos a praticar a empatia com pessoas que nos rodeiam. No âmbito profissional, isso é essencial, pois ao chegar em uma propriedade rural para prestar assistência técnica é preciso ter uma visão que vá além da produção agrícola propriamente dita, é preciso enxergar todo o contexto social no qual os indivíduos se encontram, bem como também, todas as suas limitações e oportunidades de sucesso que eles possuem nas atividades em que desejam desenvolver. (Educando Aparício)

Conforme podemos observar no quadro, durante os três anos de curso os jovens relataram que vivenciaram estudos teóricos e práticos relacionados a agroecologia.

Os teóricos de maneira contextualizadas, levando em consideração suas realidades, e buscando aplicar saberes e técnicas, como por exemplo o uso de Caldas alternativas, conservação de solo por meio de curva de nível e compostagem na realidade (como destacou o **educando Mané**).

No mesmo sentido a educanda Zulmira relata que as aulas teóricas se davam por meio das atividades de pesquisas propostas pelos educadores. Outras ações como os manejos agroecológicos, ocorriam na unidade familiar e na unidade produtiva da escola.



Foto 03: Aula prática na unidade produtiva da EFA Ibiapaba; **fonte:** Educandos

Segundo a **educanda Sebastiana**, a proposta de ensino contextualizado contribuiu na formação pessoal e profissional dos jovens, considerando as relações sociais construídas no espaço escolar refletindo no meio sócio profissional.

O **educando Aparício** corrobora com o pensamento quando informa que ao chegar em uma propriedade rural para prestar assistência técnica é preciso ter uma visão que vá além da produção agrícola propriamente dita, é preciso enxergar todo o contexto social no qual os indivíduos se encontram”. Por isso a formação teórica contextualizada é tão importante.

Na esfera produtiva constamos que os educandos aprendiam técnicas de manejos para o cultivo da terra. O **educando Neco** exemplifica o cuidado com o solo utilizando de novas ferramentas, o reconhecendo como um organismo vivo que precisa ser protegido, através de tecnologias adotadas no **manejo da propriedade**³⁹.

Para propor reflexões sobre a pedagogia da alternância, é necessário contextualiza-la apresentando sua proposta formativa.

A pedagogia da alternância⁴⁰ surgiu a mais de sessenta e cinco anos, é uma pedagogia diagnostica composta por instrumentos pedagógicos, sendo eles, plano de

³⁹ Tecnologias adotadas no manejo da propriedade são: cobertura de solo, uso de esterco bovino curtido, capina seletiva, compostagem, plantio consorciado, uso de plantas repelentes e atrativas, cobertura morta de entrelinha por podas, e adubação verde. (PRIMAVESI, 2008). PRIMAVESI, A.M. Agroecologia e Manejo do solo. Agriculturas - v. 5 - no 3 - setembro de 2008. 7 a 10 p.

⁴⁰ é composta por instrumentos pedagógicos que viabilizam a transversalidade, une métodos, técnicas e estratégias que possibilita a consolidação do processo de ensino/aprendizado. Trata de uma pedagogia diagnóstica que dialoga com a realidade e os contextos sociais através de suas próprias especialidades que auxiliam na organicidade da criação de espaços em tempos diferenciados (p. 10 - 11 PROJETO DA EFA)

estudo - PE, caderno da realidade, caderno de acompanhamento, instrumentos esse que viabiliza a transversalidade consolidado o processo de ensino e aprendizagem por meio de métodos, técnicas e estratégias que possibilita a interação entre a escola e o meio social. Conforme podemos observar no Projeto Político Pedagógico da EFA:

Alternância - Seus princípios são de cunho metodológico e deve acontecer entre a escola e o meio social, considerando ambos os contextos. Sua matriz potencializa a materialização de uma ação pedagógica competente, por fazer mais sentido à realidade do campo e consolidando a profissionalização dos/as jovens rurais através do envolvimento de todos/as os/as construtores/as da formação: famílias, educadores/as, educandos/as e profissionais do meio. (PPP. EFA IBIAPABA. 2018. p. 14)

Essa pedagogia é fundamentada nos valores das vivências, princípios da solidariedade, do associativismo e do coletivismo que o tempo escola é alternado e integrado com o tempo família como podemos ver no PPP da EFA Ibiapaba.

A pedagogia da alternância tem sua complexidade por meio das parcerias às quais a compõe em todo o contexto social. Suas dimensões pedagógicas são articulações alternadas entre espaços e tempos diferenciados, porém, contínuos e complementares no processo educativo. Visa a integração e interação entre educação e o mundo do trabalho, como caminho que dialoga o engajamento político social, responsabilidade ambiental e difusão de tecnologias no convívio com o semiárido como paradigmas na valorização da vida, para além dos muros da escola. (PPP. EFA IBIAPABA. 2018. p. 16)

Considerado esses elementos formativos, podemos dizer que a pedagogia da alternância consiste em uma metodologia que viabiliza a formação teórica e prática nos espaços das escolas e das comunidades. É o que podemos observar nas falas dos educandos no quadro abaixo:

QUADRO 09: SOBRE A OPNIÃO DOS JOVENS REFERENTES A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

FALAS SIGNIFICATIVAS	
Visão sobre a pedagogia da alternância	A pedagogia da alternância tem uma didática muito boa pois possibilita que o educando coloque em pratica os conhecimentos adquiridos ao decorrer da sessão escola dando também a possibilidade de o estudante adquira conhecimentos populares de sua região e compartilhem com os demais. Sendo assim o educando tem uma maior interação com o grupo enquanto escola e comunidade. (Educando Jeremias)

	Essa pedagogia possibilita o educando a junção da teoria com a prática, pois se tem alternância entre escola e comunidade, assim fazendo com que o mesmo seja praticante de suas teorias. Essa pedagogia liberta as pessoas! (Educanda Zulmira)
	Na minha opinião a pedagogia da alternância é um modelo de ensino de deveria ser seguido por diversas instituições, pois além de o ensino ser mais diversificado e prazeroso a gente também aprende a conviver em sociedade (Educando Marcolino)

Segundo as falas acima, o **educando Jeremias** considera que a pedagogia da alternância dialoga com a realidade e com os contextos sociais que os jovens se encontram organizados. Essa pedagogia se acontece em espaços e tempos diferenciados, variando de acordo com as peculiaridades regionais e sazonais.

De acordo com o **educando Marcolino**, a pedagogia da alternância deveria ser uma metodologia a ser utilizadas por outras instituições, pois possibilita vivência no meio sócio profissional dos jovens os ajudando a conviver em sociedade.

Nesse sentido a **educanda Zulmira** corrobora com esse pensamento, ao considerar essa pedagogia como libertadora, por possibilitar o diálogo entre a teoria e a prática, escola e comunidade, etc.

4.3.2 SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTÁGIOS E DAS VISITAS TÉCNICAS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Integrado a pedagogia da alternância, os projetos de estágios da EFA, consideram os diferentes espaços de tempo em sessão escola e sessão família ou sócio profissional, como práticas formativas.

Considerando duas dimensões: a social e a profissional. A social se referindo ao meio familiar, comunitário e cultural, enquanto a profissional relacionada ao espaço de vivências práticas de trabalho por meio do estágio devidamente acompanhado, possibilitando experiência prática na profissão.

Segundo o PPP da EFA Ibiapaba, o estágio são vivências práticas em meios produtivos da agricultura familiar, organizações sociais afins, serviços, com o devido acompanhamento do/a “mestre/a de estágio”. (P. 38)

O estágio do primeiro e segundo ano é relacionado ao Plano de Estudo - PE⁴¹, elemento integrador do tempo/escola com o tempo/comunidade/família que contribui para a concretização da educação contextualizada que parte de temas geradores, onde as disciplinas se interligam com esse tema.

A visita técnica é uma atividade complementar ao Plano de Estudo - PE com o intuito de promover intercâmbios de experiências concretas observar outras realidades, que possam contribuir na formação profissional dos/as educandos/as da EFA.



Foto 04: visita técnica em Viçosa do Ceará; **fonte:** Educandos

Observando a realidade da EFA, verifica-se a importância das visitas técnicas e dos estágios na formação dos educandos, tendo em vista o seu papel no desenvolvimento de habilidades profissionais necessárias para atuar nas comunidades.

Essas reflexões são confirmadas na fala da **educanda Malvina**, quando ela destaca que os estágios de um ano para o outro é um processo crescente de preparação dos/as educandos/as, pois facilita a interação com as pessoas proporcionando autoconfiança para desenvolver as atividades. É importante ressaltar que o estágio de primeiro e segundo ano é realizado na comunidade em que o jovem

⁴¹ Na EFA Ibiapaba o Plano de Estudo integra o tempo escolar com o tempo no meio sócio profissional. A cada estadia no meio sócio profissional o educando/a desenvolve uma pesquisa a partir de um tema previamente selecionado de acordo com o diagnóstico de sua realidade. Os temas são organizados numa sequência progressiva em módulos respeitando a idade física e psíquica dos/as aprendizes, bem como o nível de conhecimento e interesses apresentados. (PPP. EFA IBIAPABA. 2018. p. 27-28)

estar inserido e no terceiro ano é realizado nas organizações sociais afins, com o devido acompanhamento em todos os anos.

4.3.3 SOBRE OS PROJETOS DE VIDA FAMILIAR E PROFISSIONAL DO JOVEM (PVFPJ) E A CONSOLIDAÇÃO DO PROFISSIONAL COMPROMETIDO COM O CAMPO EM UMA PERSPECTIVA AGROECOLÓGICA.

Segundo o PPP da EFA (p. 39) O Projeto de Vida Familiar e Profissional do Jovem (PVFPJ) é um documento escrito ao final do curso como um dos requisitos para qualificação final. O PVFPJ é a sistematização final do curso, representando que os educandos possuem capacidades de projeção, elaborar formalmente o que se pretende fazer para continuar no campo.

Segue abaixo algumas falas significativas dos jovens sobre como o Projeto de Vida Familiar e Profissional dos Jovens, contribuiu na formação/ atuação profissional:

QUADRO 10: SOBRE OS PROJETOS DE VIDA FAMILIAR E PROFISSIONAL DO JOVEM (PVFPJ)

FALAS SIGNIFICATIVAS	
De que maneira o PVFPJ contribuiu na sua formação/ atuação profissional	contribuiu no passo a passo da elaboração de um projeto me dando o norte das coisas mais fundamentais a serem trabalhadas ao se pensar em executar um projeto (Educando Neco)
	ferramenta é indispensável para a Agroecologia e a Educação do campo, garantindo a autonomia financeira das famílias, melhorando a qualidade de vida dessas, bem como a fixação de pessoas no campo (Educando Mané)
	Como tínhamos que ter um embasamento teórico e prático, passamos muito tempo pesquisando, testando, buscando meios para criação de aves caipiras, formulação de ração, manejos reprodutivos, sanitário e que tivesse viabilidade econômica, social e ambiental. Com todo esse embasamento a vida profissional nessa área a gente tem um pouco mais de segurança para mostrar para o agricultor que é viável. (Educando Marcolino)

Segundo o **educando Neco**, o PVFPJ colabora no passo a passo da elaboração de projetos, orientados por ferramentas fundamentais no seu processo de execução.

Já o **educando Mané** considera que o PVFPJ como uma ferramenta indispensável para a Agroecologia e a Educação do campo, pois garante aos

educandos/as e suas famílias a autonomia financeira, melhorando a qualidade de vida, bem como a permanência no campo.

O **educando Marcolino** vê o PVFPJ como uma ferramenta que integra teoria com a prática, buscando por meio de pesquisa os manejos sustentáveis, proporcionando viabilidade econômica, social e ambiental, como também, promovendo a capacitação para vida profissional na área, estimulando segurança para atuar e propor novas tecnologias de produção.

Segundo o PPP da EFA, o Projeto de Vida Familiar e Profissional do Jovens - PVFPJ e os estágios, são ferramentas que trata da formação profissional, sendo que, o primeiro como vimos anteriormente busca desenvolver capacidades de projeção, elaboração e implantação de projetos. Já os estágios estimulam os jovens a atuar na assistência técnica junto aos agricultores de suas comunidades e dentro das instituições a fins, trabalhando a partir da socialização dos saberes, da valorização da cultura popular.

4.4 A VIDA DOS JOVENS HOJE

Depois de refletir sobre as realidades dos jovens antes e durante a experiência formativa da EFA, se faz necessário compreender como eles voltaram para as suas comunidades. Se conseguiram trabalho, participam de organizações sociais, ou deram continuidade aos seus processos formativos.

O quadro síntese abaixo revela informações importantes sobre como a experiência da EFA contribuiu no modo de atuação dos educandos:

QUADRO 11: SÍNTESE SOBRE A SITUAÇÃO DE TRABALHO DOS EGRESSOS DA EFA

	Você tem atuado (trabalhado) em alguma comunidade? Qual e de que forma?
Quinzinho	Ainda não, apenas em reuniões do sindicato com reflexões sobre a vida agroecológica. Porém eu continuo com meu projeto ativo, não exatamente como queria mas eu juntamente com minha família estamos levando a atividade produtiva, estamos com pouca aves mas não deixamos acabar. Estamos conversando para ampliar.

Zulmira	Trabalho com quatro comunidades, no total de 90 agricultores. Eu tenho trabalho sempre de forma agroecológica, buscando meio que adeque a realidade do agricultor. Mesmo depois de ter começado a trabalhar na Ematerce, o meu PVFPJ continua ativo onde as principais cuidadoras são minha mãe e as minhas duas irmãs. Elas fazem todos os manejos agroecológicos tendo em vista que quando aparece alguma doença nas plantas, as mesmas me comunicam e eu tento de algumas resolver o problema, fazendo assim a procura por alguma receita de defensivo natural. Trabalho a semana inteira, mas nos fins de semana vou para casa e lá vejo a horta, o quintal produtivo e biodigestor. E assim ajudando no que for preciso, e esse projeto tem nos ajudado muito, pois a soberania e a diversidade do nosso quintal tem nos permitido cada dia sonhar mais.
Neco	Atualmente sim fazendo planejamento de implementação de uma horta comunitária na comunidade de Batoque. Dando continuidade ao PVFPJ na criação de galinhas utilizando das técnicas apreendidas durante o período da EFA e procurando através dessas técnicas melhorar a produção e evitar doenças para o plantel, buscando também a implantação do meu banco de proteínas e fazendo o manejo agroecológico como a utilização de babosa na água das aves afim de evitar doenças como a boubá aviária.
Mane	De forma voluntária na minha Comunidade Corredor, auxiliando nos processos de organização e produção. Ademais atuando junto a minha família no meu Projeto de Vida Familiar e Profissional do/a Jovem- PVFPJ, na produção de ração e criação de galinhas caipiras.
Aparício	Sim, atualmente estou atuado como Agente Rural da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará – EMATERCE, acompanho um total de seis comunidades rurais do cinturão verde no município de Tianguá, prestando assistência em diversas atividades agropecuárias, como cultivo de sequeiros, agricultura irrigada, criação de animais de pequeno e médio porte.
Jeremias	Até o momento não tenho trabalhado em outra comunidade. Trabalho apenas na pequena propriedade rural da família que está em transição do monocultivo de maracujá para frutíferas em consórcio, as culturas consorciadas são abacateiro com laranja, e abacateiro com limoeiro e nas entrelinhas trabalhamos com feijão e mandioca, durante o inverno introduzimos o milho, os animais que cuidamos são suínos, bovinos e aves. No caso das aves foi a partir do meu projeto que foi dado início, permaneço com o meu projeto comercializando aves e ovos, as aves adultas são comercializadas de acordo com o lote seguinte chega a fase adulta e os pintinhos são vendidos por encomenda.
Malvina	Na família dando continuidade no PVFPJ, com a produção de hortaliças no quintal produtivo.
Sebastiana	Hoje eu sou Agente Rural da Emater/CE. Trabalho em três comunidades rurais, onde presto assistência técnica na parte de hortaliças, produção de sequeiros, fruteiras, verduras e na criação de animais. Sempre busco novas ideias e novas tecnologias para complementar o meu trabalho.
Marcolino	Estou trabalhando sim, só dando acompanhamento aos agricultores pela Emater/CE. Ao final do curso técnico em agropecuária, eu junto a família continuamos trabalhando no PVFPJ, com o andar do mesmo e o aumento da demanda de ovos e aves caipiras revolvendo no ano de 2020 ampliar o aviário com o investimento do agroamigo, o projeto foi para uma nova estrutura com espaço para postura, reprodução e área para pontos e frangos em terminação, o projeto a cada dia do vem melhorando, e pretendemos a daqui alguns anos ampliar para novos galpões, tendo em vista q o mesmo tem viabilidade econômica social e ambiental, as práticas adquiridas na EFA sobre a criação de aves caipiras se torna bem presente a cada dia.

Maria	Minha atuação atualmente é na minha propriedade juntamente com minha família, dentro dos movimentos sociais (movimento Ibiapabano de mulheres, coordenação sindical de base) enfim estou interligada ao campo e sociedade. Continuo sempre pesquisando ferramentas de aprendizado para fortalecer os conhecimentos com o campo e sociedade, assim também participando de formações, mas pretendo frequentar o curso, na parte, social, ambiental ou nutricional.
-------	--

Segundo os jovens entrevistados houve uma permanência de atuação no campo, seja em suas comunidades contribuindo no processo produtivo, no processo organizativo, ou atuado em instituição de assistência técnica, como a EMATERCE, contribuindo para o fortalecimento do campo. Conforme observa-se no quadro síntese, os educandos também continuaram as atividades do PVFPJ junto a família, compreendendo a importância das unidades familiares para o acesso ao trabalho e renda.

O **educando Neco** relata que está trabalhando junto a família no PVFPJ, utilizando de técnicas aprendidas no período da escola que possibilita o controle das doenças das aves, além disso, atua em sua comunidade de forma voluntária e coletiva na produção de hortaliças. Assim como o **educando Mané** que paralelo ao trabalho na unidade produtiva familiar, auxilia no processo organizativo da comunidade.

O **educando Marcolino**, após o término do curso em agropecuária prosseguiu com os manejos na unidade produtiva do PVFPJ, que com um tempo recorreram ao financiamento do AGROAMIGO⁴² com o intuito de ampliação do aviário, reafirmando essa importância o PPP da EFA diz que “busca de recursos para ampliação do projeto utilizando a mesma como forma de inserção profissional”. Ele também relata que está trabalhando com assistência técnica pela EMATERCE, acompanhando os agricultores.

A **educanda Zulmira** trabalha na EMATERCE acompanhando quatro comunidades, no total de 90 agricultores, enfatiza que aplica os conhecimentos adquiridos na EFA de forma agroecológica, pretendendo compreender a realidade dos agricultores assistido por ela. Em relação às práticas agroecológicas que realizam nas unidades produtivas do projeto, ela junto à família realizam os manejos no quintal

⁴² AGROAMIGO - O Programa de Microfinança Rural do Banco do Nordeste quer atender as famílias do campo, agricultores e agricultoras familiares, enquadrados no Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) que busca financiamento para melhorar as unidades. De acordo com o site do Banco do Nordeste.

produtivo, que proporciona diversidade e soberania alimentar para a família.

A Formação integral da EFA Ibiapaba, parte dos princípios éticos que caminha rumo a um posicionamento político e ideológico diante da vida. Nesse sentido, percebe-se na fala da **educanda Zulmira** que após passar por uma experiência de formação contextualizada houve um engajamento na participação política, ocupando o lugar de falar em quanto mulher e jovem rural, ou seja, não se trata unicamente da formação que tem seu fim na inserção produtiva da juventude, mas busca na formação seu fim educativo de base agroecológica como potencial holístico dos sujeitos envolvidos nos processos.

O **educando Aparício** que após a experiência formativa na EFA continua na busca do conhecimento através de cursos complementares da área, bem como participando dos movimentos sociais, principalmente os promovidos pelo Sindicato dos trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares STRAAF, além de estar atuado como Agente Rural da EMATERCE, acompanho um total de seis comunidades rurais do cinturão verde no município de Tianguá.

4.4.1 OS JOVENS ESTÃO CONTRIBUINDO COM O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO CAMPO?

De acordo com Caporal (2015) nas últimas quatro ou cinco décadas as instituições de ensino, orientavam que o desenvolvimento rural estivesse ligado unicamente com o crescimento econômico e que os agricultores deixassem para traz as práticas ancestrais e incorporassem novas tecnologias de produção. Porém o autor destaca que entende o desenvolvimento rural como sendo a realização de potencialidades sociais, culturais, econômica de uma sociedade, que esteja em harmonia com seu entorno ambiental e com seus valores éticos.

O desenvolvimento rural sustentável parte dos princípios da necessidade de mudanças reais no contexto socioeconômico do campo, por tanto, a **educanda Sebastiana** menciona que busca conhecer a realidade em que o produtor se encontra, para então propor mudanças na forma de produção.

O **educando Marcolino**, assim como outros jovens, apresenta a troca de conhecimentos com os agricultores, como sendo um dos principais pontos para as

mudanças necessárias e assim promover o desenvolvimento rural, sendo que, ocorre de forma lenta e acordo com a realidade dos agricultores/as, das comunidades e das regiões.

4.4.2 PERCEPÇÃO DOS JOVENS SOBRE O PAPEL DA EFA NA SUA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E HUMANA

De acordo com o PPP da efa Ibiapaba se utiliza de práticas pedagógicas, metodológicas (Freireana, Pedagogia da Alternância e Formação por Pares) que com a participação dos atores e o processo de ensino problematizador, promove estratégias buscando contribuir na formação de sujeitos críticos.

As estratégias têm foco no processo de formação dos/as participantes, onde, o ponto chave está na formação dos/as monitores/as em conhecer metodologias participativas de planejamento territorial e que estejam aptos a elaborar projetos produtivos coletivos, com a participação de todos e todas, na perspectiva do desenvolvimento sustentável. (p. 20, PPP – EFA IBIAPABA)

Nesse sentido, segundo os jovens entrevistados percebe-se que a EFA preparou para atuar de forma participativa ao ouvir, pensar e depois agir respeitando as tradições, as culturas, e saberes empíricos, na busca de construir o bem viver coletivo como destaca o **educando Quinzinho**.

O **educando Jeremias**, ressalta que a formação na EFA Ibiapaba contribuiu em sua forma de atuar, desenvolvendo seu senso crítico, capacitou-lhe como técnico tanto pelos conhecimentos teóricos e práticos, quanto para trabalhar em ambientes coletivos respeitando e expressando as opiniões.

Já o **educando Marcolino**, revela que anterior a experiência na EFA Ibiapaba tinha outra mentalidade, relacionado a convivência em grupo e a agricultura, porém a EFA foi um divisor de água em sua vida, levando consigo os princípios básicos de convivência, o cuidado com o próximo, mesmo ainda diz que a EFA proporcionou a compreensão de que é importante saber ouvir e realizar troca de conhecimentos para alcançar uma mudança significativa nos hábitos de cultivos dos agricultores, e que essa mudança não se dar de forma rápida este processo é lento e gradual. Além disso, ele ainda pontua que a EFA lhe propiciou uma formação não apenas profissional, mas também social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostra que apesar da EFA da Ibiapaba Chico Antônio Bié, enfrentar desafios significativos educadores e educadoras, e educandos e educandas têm conseguido construir uma formação contextualizada e problematizadora.

Em função disso têm-se uma transformação significativa na vida de educandos e educandas, resignificando suas visões de mundo sobre o papel da educação, desconstruindo a ideia de que o campo é atrasado, o considerando como um lugar de vida digna. Tudo isso sob o ponto de vista da ciência e de práticas orientadas pela agroecologia.

Esse processo formativo possibilita a construção de ações de intervenção na família e na comunidade que partem das experiências práticas como os PVFPJ de cada educando, norteadas pelas dimensões ambiental, social, econômica, cultural, política e ética modificando as formas de agir e pensar como sujeitos e sujeitas transformadores e transformadoras da própria história.

A EFA promove um processo formativo crítico/reflexivo e de formação profissional que tem possibilitado que os e as jovens permaneçam no campo atuando como de técnicos e técnicas em agropecuária com qualificação para atuarem na assistência técnica e extensão rural promovendo o desenvolvimento endógeno das comunidades rurais ou para trabalhar em suas áreas familiares utilizando um conjunto de ferramentas que possibilita redesenhar os agroecossistemas, por meio do projeto produtivo utilizando bases e princípios da agroecologia.

De acordo com o estudo observa-se alguns desafios relacionados a proposta de ensino, uma delas é a dificuldade que os educadores da base comum curricular encontram em contextualizar as disciplinas com os temas geradores; ocasionada pela falta de formação que os educadores sobre essa metodologia de ensino.

A ciência agroecologia oferece um conjunto de ferramentas que possibilita estudar e redesenhar os agroecossistemas, tendo em vista que a proposta educativa da EFA dialoga com a proposta de implantação de um projeto produtivo familiar direcionando os e as jovens a utilizarem as bases e princípios desenvolvendo agricultura sustentável, que foi observado nas falas dos educandos.

A agroecologia não se limita apenas nos processos produtivos agropecuários, ou seja, leva em consideração os aspectos culturais, assim como os processos socioeconômico, deste modo, observa-se que a proposta da EFA busca a ação coletiva dentro da comunidade e da família para a construção da transformação social.

Diante do estudo compreendesse a importância da educação contextualizada vivenciada na EFA para a construção da educação do campo na região da Ibiapaba e para o fortalecimento do campo partindo da perspectiva agroecológica na construção de um desenvolvimento rural sustentável.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. R.; DI PIERRO, Maria Clara. Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária em perspectiva: Dados básicos para uma avaliação. Disponível em: http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2311/1/ensaio_introdutoriopronera.pdf. Acesso em: 08 dez. 2016.

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. Por uma Educação do Campo. Petrópolis: Vozes, 2004.

ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mançano. A educação básica e o movimento social do campo. Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo, 1999. ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagma (Orgs.). Por uma educação do campo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

BENJAMIN, César; CALDART, Roseli Salete. Projeto Popular e Escolar do campo. 2 ed.. Brasília: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo. Coleção Por uma Educação Básica do campo, 2000, nº 3.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação popular. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, 1996 BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília, DF, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Grupo de Trabalho de Educação do Campo. Referências para uma política nacional de educação do campo. Caderno de Subsídios, Brasília, DF, 2003.

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In.: SANTO S, Clarice Aparecida dos (Org.). Campo. Políticas públicas: educação. Brasília: Incra- MDA, 2008, p. 67 -8 6. (Por uma Educação do Campo)

CALDART, Roseli Salete. A escola do campo em movimento. In: Por uma educação do campo. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CALDART, Roseli Salete. Sobre educação do campo. III Seminário do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). Luziânia, Goiás, 2012. Disponível em <http://web2.ufes.br/educacaodocampo/down/cdrom1/ii_03.html> Acesso em 19 de mar. de 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo: Educação como Prática da Liberdade. 25ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GÓMEZ, A.I. Perez. A aprendizagem escolar: da didática operatória à reconstrução da cultura na sala de aula. In: PIRES, Angela Monteiro. Educação do campo como direito humano. São Paulo: Cortez, 2012.

GRAZIANO DA SILVA, José. O que é a questão agrária. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LEITE, S.C. Escola rural: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

LEITE, Sérgio Celani. Escola rural: urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999. MOLINA, Mônica Castagma; SÁ, Laís Mourão. Educação do campo. In: ALENTEJANO, Paulo; CALDART, Roseli Salete; FRIGOTTO, Gaudêncio; PEREIRA, Isabel Brasil. Dicionário da educação do campo. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

LIBÂNEO, José C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994. p.96.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2013.

LIBANÊO, José Carlos. Organização e gestão da escola: teoria e prática, 6. Ed. rev. E ampl. São Paulo: Heccus. 2013.

LIMA, E. de S.; SILVA.; SILVA, A. M. da. Diálogos sobre Educação do Campo. Teresina: EDUFPI, 2011. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação popular. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MOLINA, Mônica Castagna (Org.). Licenciaturas em Educação do Campo e o Ensino de Ciências Naturais: desafios à promoção do trabalho docente interdisciplinar. Brasília: MDA, 2014. P. 23-59. (Série NEAD Debate; 23).

PERNAMBUCO, Marta M.C. A e PAIVA, Irene. A. Práticas Coletivas na escola. 1 Ed. Campinas-SP: Mercado das letras, 2013.

PIRES, Angela Monteiro. Educação do campo como direito humano. São Paulo: Cortez, 2012.

PPP – Projeto Político Pedagógico. Escola de Família Agrícola do Ibiapaba Chico Antônio Bié. 2018, Tianguá – CE.

7. ANEXO

1. Questionário semiestruturado



Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia



Tema:

Jovens Estudantes, Jovens Atuantes: O Papel da EFA Ibiapaba na valorização do Campo sobre a perspectiva Agroecológica

Questionário com os egressos do Curso de técnico em agropecuária pela Escola Família Agrícola da Ibiapaba Chico Antônio Bié

EU

1. Nome:
2. Gênero do Egresso:
3. Naturalidade:
4. Idade hoje:
5. Localidade onde mora hoje:
6. Período que estudou na EFA:

MINHA VIDA ANTES DA EFA

- Como era a sua vida antes de entrar na EFA em relação:
 - a- A educação
 - b- A visão de mundo sobre o campo
 - c- A participação política
 - d- A perspectiva do trabalho
 - e- Outro
- Você teve contato com experiência de produção agroecológica ou conhecia o significado da agroecologia?

MINHA EXPERIÊNCIA/FORMAÇÃO NA EFA

- Como foi a sua experiência como educando da EFA (Educação Contextualizada)?
- O que mais te marcou na EFA?
- No seu curso você estudou conteúdos teóricos e práticos relacionados a agroecologia? Quais e de que maneira?
- A proposta do ensino contextualizado contribuiu na sua formação pessoal e profissional? De que maneira?
- Qual é a sua opinião sobre a pedagogia da alternância.
- Como você avalia a maneira como os educadores ensinaram (metodologia, conteúdos...)
- Qual é a opinião sobre a maneira com os conteúdos foram ensinados (contextualizada ou não)
- Na sua opinião as disciplinas de formação geral se integraram as disciplinas de formação específica? De que maneira?

- Qual sua opinião sobre o papel dos estágios e das visitas técnicas (1º, 2º, 3º ano) na sua formação profissional? (Em relação a sistematizar/testar/exercitar os conhecimentos adquiridos).
- Qual foi a sua proposta de Projeto de Vida Familiar e Profissional do Jovem (PVFPJ) de que maneira contribuiu na sua formação/ atuação profissional?

MINHA VIDA HOJE

- Você acha que a experiência da EFA contribuiu na sua maneira de ser e atuar como profissional hoje? De que forma?
- Você tem atuado (trabalhado) em alguma comunidade? Qual e de que forma?
- Você tem dado continuidade a sua formação? (Estudos, cursos, participação política)
- Na sua opinião, como deve atuar um técnico em agropecuária na no mundo rural?
- Na sua opinião o curso lhe capacitou para atuar como técnico em agropecuária? Como capacitou? (Cite vivencia consideradas importantes).
- Sua ocupação atual contribui o desenvolvimento sustentável do campo?
- Você utiliza os saberes agroecológicos no seu cotidiano? De que maneira?

2. Quadros analíticos

MINHA VIDA ANTES DA EFA

Como era a sua vida antes de entrar na EFA em relação:	A educação:	A visão de mundo sobre o campo:	A participação política:	A perspectiva do trabalho:	Você teve contato com experiência de produção agroecológica ou conhecia o significado da agroecologia?
Quinzinho					
Zulmira					
Neco					
Mané					
Aparício					
Jeremias					
Tia Malvina					
Sebastiana					
Marcolino					
Maria					
FALAS SIGNIFICATIVAS					

MINHA EXPERIÊNCIA/FORMAÇÃO NA EFA (parte 1)

	Como foi a sua experiência como educando da EFA (Educação Contextualizada)?	O que mais te marcou na EFA?	No seu curso você estudou conteúdos teóricos e práticos relacionados a agroecologia? Quais e de que maneira?	A proposta do ensino contextualizado contribuiu na sua formação pessoal e profissional? De que maneira?	Qual é a sua opinião sobre a pedagogia da alternância.
Quinzinho					
Zulmira					
Neco					
Mané					
Aparício					
Jeremias					
Tia Malvina					
Sebastiana					
Marcolino					
Maria					
falas significativas					

MINHA EXPERIÊNCIA/FORMAÇÃO NA EFA (parte 2)

	Como você avalia a maneira como os educadores ensinaram (metodologia, conteúdos..):	Qual é a opinião sobre a maneira com os conteúdos foram ensinados (contextualizada ou não):	Na sua opinião as disciplinas de formação geral se integraram as disciplinas de formação específica? De que maneira?	Qual sua opinião sobre o papel dos estágios e das visitas técnicas (1º, 2º, 3º ano) na sua formação profissional? (Em relação a sistematizar/testar/exercitar os conhecimentos adquiridos):	Qual foi a sua proposta de Projeto de Vida Familiar e Profissional do Jovem (PVFPJ) de que maneira contribuiu na sua formação/atuação profissional?
Quinzinho					
Zulmira					
Neco					
Mané					
Aparício					
Jeremias					
Tia Malvina					
Sebastiana					
Marcolino					
Maria					
falas significativas					

MINHA VIDA HOJE (parte 1)

	Você acha que a experiência da EFA contribuiu na sua maneira de ser e atuar como profissional hoje? De que forma?	Você tem atuado (trabalhado) em alguma comunidade? Qual e de que forma?	Você tem dado continuidade a sua formação? (Estudos, cursos, participação política)	Na sua opinião, como deve atuar um técnico em agropecuária na no mundo rural?	Na sua opinião o curso lhe capacitou para atuar como técnico em agropecuária? Como capacitou? (Cite vivencia consideradas importantes).
Quinzinho					
Zulmira					
Neco					
Mané					
Aparício					
Jeremias					
Tia Malvina					
Sebastiana					
Marcolino					
Maria					
FALAS SIGNIFICATIVAS					

MINHA VIDA HOJE (parte 2)

	Sua ocupação atual contribui o desenvolvimento sustentável do campo?	Você utiliza os saberes agroecológicos no seu cotidiano? De que maneira?
Quinzinho		
Zulmira		
Neco		
Mané		
Aparício		
Jeremias		
Tia Malvina		
Sebastiana		
Marcolino		
Maria		
FALAS SIGNIFICATIVAS		